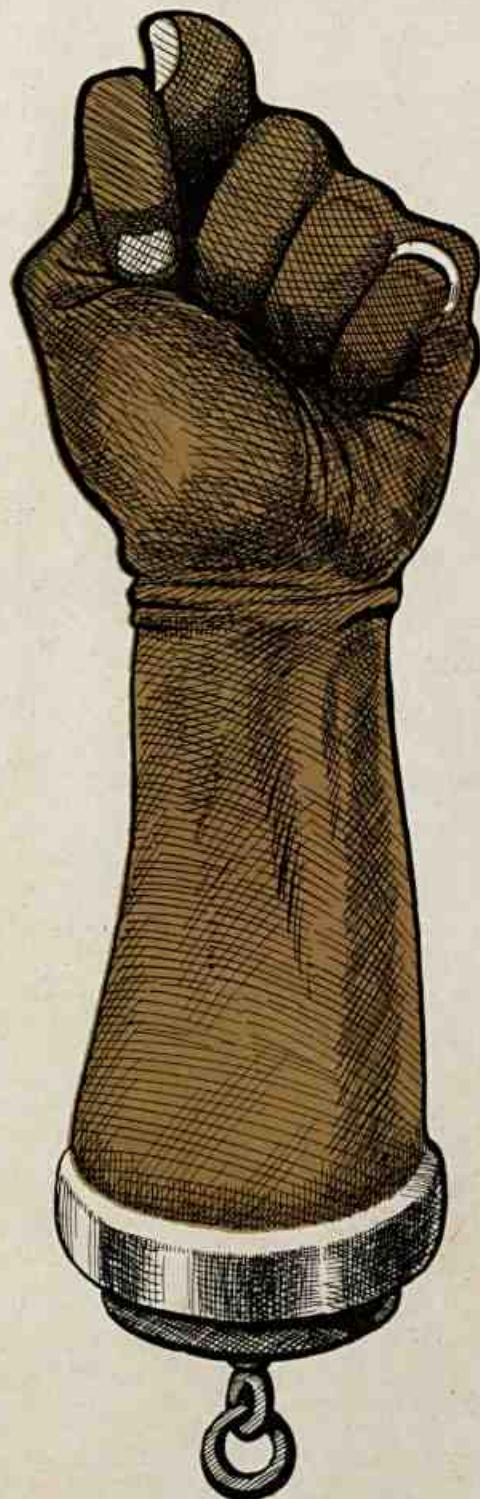
Num. 334 Sabbado 14 de Novembro de 1914 Anno VII

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

(O mais poderoso desinfectante contra a urucubaca)

Modo de usar: Agite e grite: Sae azar.

ASSOMBROSO!

Só com o sabão por excellencia

LAVOLINA

lava-se roupa, por mais fina que seja, sem estragal-a absolutamente, apenas com uma fervura durante meia hora.

Não precisa esfregar nem coradouro e a roupa fica mais alva do que com o systema commum, e, ainda mais, perfeitamente desinfectada.

Inegualavel para lavagens de rendas, cortinas, palha de seda, flanelas, crystaes, metaes, soalhos, etc.

Nas cosinhas e copas substitue com grande vantagem o sapolio.

Querendo uma demonstração peça aos Fabricantes:

CASTRO, LYRA & C.

Rua dos Ourives, 95 — Telep. 2197 — Norte

VENDE-SE EM TODOS OS ARMAZENS E LOJAS DE FERRAGENS

Eil-o, o effeito extraordinariamente benefico das lavagens de cabeça com o Pixavon:

Graças a sua base de alcatrão o Pixavon exerce um effeito estimulante sobre o couro cabelludo, e favorece o crescimento dos cabellos. As lavagens regulares servem para fortificar os cabellos tornando-os admiravelmente macios e olorosos. O Pixavon elimina todo o suor e a caspa do couro cabelludo e dos cabellos. As lavagens da cabeça com o Pixavon são, portanto, muito agradaveis. Todo o mundo moderno lava a cabeça com o Pixavon. Elle tem um aroma delicioso e produz uma espuma abundante e muito facil de desfazer-se por meio da enxaguadura.

Mas o merito principal do Pixavon consiste em impedir a queda dos cabellos.

As lavagens dos cabellos com o Pixavon são muito economicas, e isso porque um frasco dura alguns mezes.

A venda em todas as boas casas do genero.

FIDALGA
CERVEJA POPULAR
BRAHMA

EPHEMERIDES

1822. Novembro, 8. — Victoria do exercito pacificador nos campos do Piraiá (Bahia).

E' porque esse exercito não combatia fanaticos.

1843. Novembro, 9. — Fallece em S. Paulo o padre Diogo Feijó.

Não era para menos. Olhem que o padre tinha trabalhado !

1896. Novembro, 10. — O Dr. Prudente de Moraes passa a presidencia da Republica ao Dr. Manoel Victorino.

Parece que os ministros não pleitearam a ficação.

1898. Novembro, 11. — O Supremo Tribunal Federal absolve todos os officiaes implicados no attentado de 5 de Novembro.

O tribunal lá soube o que fez. Elles são togados e se entendem.

1823. Novembro, 12. — Dissolução da Assembléa Constituinte por D. Pedro I.

Si ainda houvesse essa moda, que espiga ter de cavar de novo o subsidio !

1897. Novembro, 13. — São presos no Rio os deputados Alcindo Guanabara e Barbosa Lima.

Tempora mutantur! Hoje, politicamente, *ils hurlent de se trouver ensemble.*

1904. Novembro, 14. — Grande conflicto no Rio, originado pela lei da vaccina obrigatoria.

Franquezinha franca, o charivari não se originou da lei.

F. Hémero

FOLK-LORE

Ninguem se metta nas brigas
Entre marido e mulher ;
Na luta entre garfo e faca
Fica de parte a colher.

Jota

«Mais vale um passaro na mão do que dois voando.»

Esse proverbio é invenção de um máo atirador.

INSTITUTO DE HYGIENE PARA A CUTIS

O Composto Vegetal Souviroff *é o unico remedio no mundo que tira o* **Pello** *sem ser «depilatorio» e sem uso da «electricidade»; assim como cura as* **Sardas, Manchas, Rugas** *e todas as doenças da cutis.*

O Composto Vegetal Souviroff *foi approvado nesta Capital pela Directoria Geral de Saude Publica.*

MARCA REGISTRADA

GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO

na Exposição Internacional de 1914 de Milão.

UNICO PONTO DE VENDA

92, RUA GENERAL CAMARA, 92 — Sobrado

Telephone 6226-Norte — Rio de Janeiro

O Phago-dynamometro e a força da dentada

Um sabio inglez teve a fantasia de calcular a força mordedora ou trincante do homem.

Inventou para isto um instrumento, o *Phago-dynamometro* que permitte medir exactamente a força dos dentes de um cidadão.

Foram feitas varias experiencias.

Um homem branco, possuidor de duas bôas arcadas dentaes, pode exercer uma pressão de 250 libras por centimetro quadrado.

Um negro, em identicas condições, é capaz de uma pressão de 400 libras.

Uma castanha do Pará é assim reduzida a cacos por uma leve dentada de um legitimo preto da Guiné e o côco da Bahia se não tem o mesmo destino é devido ao seu tamanho um pouco avantajado.

Um *filet* authentico exige uma pressão de 12 libras; um *filet* de restaurant exige 50 libras, mas custa menos, em moeda esterlina.

Um *mordedor* vulgar da Avenida exerce pressões muito maiores que as citadas, sobre a algibeira do proximo; mas, devido á crise, não consegue trincar mais que um nickel de 400 réis.

Dioxogen

O PROTECTOR DA BELLEZA

Rejuvenece e embelleza; limpa os póros, remove as causas das affecções cutaneas, promove e conserva a tez bella e saudavel.

Desinfecta, purifica e cura talhos, queimaduras, picadas de insectos, etc., etc.

EXPERIMENTAE-O !!!

EXIGI "DIOXOGEN" e só Dioxogen, POIS NÃO HA PRODUCTO QUE COM ELLE POSSA RIVALISAR !

The Oakland Chemical Company, — New-York

Unicos agentes para o Brazil: **PAUL J. CHRISTOPH COMPANY.**

Rio de Janeiro e São Paulo

Bebam só "WELCH"

o melhor succo de uvas

—=—

O succo "WELCH" é um delicioso refresco puro e sem alcool

Exigi esta marca unica legitima e verdadeira

Cuidado com as imitações!

Unicos agentes para o Brazil:

PAUL J. CHRISTOPH CO.

RIO DE JANEIRO e S. PAULO

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS — ANNO . . . . 15$000 | SEMESTRE . . . . 8$000 || NUMERO AVULSO — CAPITAL . . . . 300 Rs. | ESTADOS . . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS — TELEPHONE N. 5341

N. 334 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 14 — NOVEMBRO — 1914 — ANNO VII

CHRONICA DO HERMISMO

O exercito, trabalhado por muitos ambiciosos e por alguns nobres sonhadores de farda, acreditando que a força creadora da Republica seria capaz de regenerar os viciosos costumes politicos, impoz a candidatura e sustentou o governo marechalicio.

Durante quatro annos, a patria oscillou, impellida para rumos oppostos, por elementos contrarios.

Acariciando as ambições e os sonhos dos militares, e explorando o prestigio cortante da espada, o industrioso caudilhismo civil, para consolidar o seu predominio ameaçado pela justiceira colera popular, ergueu as armas acima da lei, e, em nome das injuncções, collocou o direito abaixo da força.

Nos primeiros tempos do quatriennio, quando a casaca paisana discordava do marcio uniforme, si o uniforme teimava, a casaca cedia, amarfanhando-se de gentileza.

Querendo reconstruir a moralidade sobre as ruinas das oligarchias, os sonhadores do exercito pretenderam reduzir os autonomos governos estadoaes a delegações transitorias da força.

Um capitão subio pacificamente ao governo do Paraná. Um telegramma presidencial, resolvendo a crise da successão sergipana, metteu um general no palacio de Aracajú. Os suffragios da turba e os da metralha enthronaram um general na governança de Pernambuco. O voto livre das carabinas assentou um coronel na presidencia do Ceará. A vontade dos batalhões e os desejos do povo, unindo-se nas Alagôas, guindaram um coronel ao poder. No decahido Estado do Rio de Janeiro, dirigindo o executivo sob as vistas de um capitão, já reinava um delegado civil da tropa. Os canhões de Barbalho e de São Marcello depuzeram a administração da Bahia em favor de um habil cortezão da força.

Por todo o Brasil, ao embate ruidoso das armas, tombavam as vorazes oligarchias, substituidas por arbitrarios regimens, mais ou menos violentos, porem honestos.

Ferido nos oligarchas, que o sustentavam, o caudilhismo paisano oppoz a manobra da sombra aos evidentes desmandos marciaes, e, tendo conseguido envolver o ingenuo presidente na teia politica dos interesses partidarios, submetteu a classe armada, desejosa de prestigiar um marechal, ás conveniencias terriveis de uma facção.

Contra os governantes erguidos pelas bayonetas, marcharam, avançando com o appoio d'ellas, as covardes dynastias depostas.

O exercito, que agira fóra da Constituição, quiz reagir dentro da lei, mas foi vencido pelo Estado de Sitio.

As condemnaveis derrubadas feitas em nome das generosas aspirações dos militares romanticos, e os repetidos golpes de estado necessarios á consolidação do caudilhismo paisano, constituem as principaes linhas caracteristicas do quatriennio do ferro e do fogo.

Irreprimiveis, as sinistras paixões desencadeadas por essas luctas precipitaram a desorganisação geral do paiz.

A excepcional prosperidade economica e financeira de 1910 acabou na compressiva moratoria de 1914.

O exercito, enfraquecido pelo partidarismo, não tem quarteis nem soldados nas distantes fronteiras, e, falto dos recursos essenciaes, opera com difficuldade contra os fanaticos do Contestado. As possantes unidades navaes, que não foram vendidas, desceram á cathegoria de presidios para os inimigos pessoaes dos politicos dominantes, e não recebem ordens relativas á nossa neutralidade violada pelos navios das velhas nações conflagradas. Transformaram-se os tribunaes de justiça em inuteis orgãos decorativos do vacillante instituto constitucional. A instrucção evoluio para o livre doutoramento do analphabetismo. Applicaram-se aos actos normaes da nação, como permanente systema regular, as medidas anormaes do estado de sitio. O nosso progresso moral rutila espelhado no triumpho elegante do maxixe e do tango.

No comico remate desta sanguinosa tragedia contra-regrada a riso, os sonhadores desilludidos e os criminosos conscientes, appellam do desfavoravel juizo contemporaneo para a remota justiça impeccavel da Historia.

Em geral, a historia só recolhe os nomes e os feitos dos heroes e dos monstros.

Entre os homens deste quatriennio não surgio um vulto de heroe, mas muitos deixam o nome na Historia.

LEAL DE SOUZA

Os contumazes inimigos do marechal Hermes da Fonseca, em artigos iniquos, têm affirmado que o esplendor e a elegancia que caracterisavam a vida da alta sociedade carioca durante os periodos presidenciaes dos conselheiros Rodrigues Alves e Affonso Penna, transformaram-se, depois de 1910, em chato e ignobil *rastacuerismo*.

Não têm razão esses contumazes cidadãos, aos quaes o general Pinheiro, com a sua palavra de chefe, denomina folliculaarios infames.

Até o governo Campos Salles, a grande roda cultivou os antigos habitos severos e graves.

Sob a presidencia Rodrigues Alves, com a remodelação da cidade, remodelaram-se os costumes, fazendo-se elegantes e esplendidos.

No periodo Affonso Penna, com o brilho da Exposição Nacional, incrementaram-se as tendencias finas, apurou-se a galanteria, aperfeiçou-se o luxo, que tiveram, no tempo do dr. Nilo Peçanha, uma certa paralisação.

Acabou-se com tudo aquillo no quatriennio do marechal Hermes. Voltamos aos habitos severos. Este foi o glorioso quatriennio da *jupe-cullote* e do *corta-jaca*, do austero *tango* e do distincto *maxixe*.

FOLK-LORE

O sentido desta quadra
Quem desejar que o procure:
Não ha bem que não se acabe
Não ha mal que sempre dure.

JOTA

O estado de sitio é o *habeas-corpus* dos engrossadores.

Esse conceito é do Sr. Xiquinho Valladares.

Praça da Republica

Festa escolar no jardim infantil Campos Salles.

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO COMPRA 4.ª SECÇÃO

O Cardeal

Recepção de S. E. o Arcebispo do Rio de Janeiro, que regressou de Roma, onde tomou parte no pleito do papa

CHRONICA PARLAMENTAR

Sessão de 14 de Novembro de 1914

O Sr. Presidente — Tem a palavra o Sr. deputado Gaudencio.

O Sr. deputado Gaudencio — Eu fui, Sr. Presidente, um dos patriotas que fizeram o sacrificio de arrastar até este dia a cruz do apoio ao governo. Sou, por isso, insuspeito á maioria de que faço parte, para apresentar ao paiz uma moção de congratulações, por motivos da transmissão do poder ao benemerito Dr. Wencesláo Braz.

O Sr. Jangote (*indignado*) — Faz muito bem!

O Sr. Gaudencio (*resoluto*) — Faço!

O Sr. Surucucú — Quero ver d'aqui ha quatro annos, quando o marechal voltar para o Cattete, se você volta para a Camara.

O Sr. Gaudencio (*pallido*) — Então o marechal volta para o Cattete?

O Sr. Jangote — Volta!

O Sr. Surucucú — Volta. Já está tudo combinado com o Dr. Wencesláo, com o senador Pinheiro e com o general Pinheiro Machado.

O Sr. Gaudencio — Que me importa? Eu sou um homem independente. (*Passa o lenço pela testa*). A' apreciação dos meus pares, Sr. Presidente, apresento a seguinte moção: (*Lendo*) A Camara dos Deputados felicita o paiz por ter sido governado pelo benemerito marechal Hermes da Fonseca e faz votos para que o mesmo honrado militar seja o substituto do distincto Dr. Wenceslão Braz no cargo de Presidente da Republica! (*Palmas vibras no recinto e prolongados assovios nas galerias.*)

O Sr. Presidente (*Solemne*) — Declaro que a moção apresentada pelo nobre deputado Gaudencio foi approvada por acclamação.

Um noivo ideal

— Eu só me caso, dizia uma gentil demoiselle ao Dr. Gottuzo, com um rapaz que, alem das qualidades normaes de um homem de bem, tenha as seguintes:

Não faça parte de nenhuma *Mutua*, não jogue no bicho, não conte as ultimas de ninguem, não relate nas palestras as fitas de cinema que viu, não se preoccupe com o ministerio e finalmente não discuta as probabilidades de victoria dos allemães ou dos francezes...

— Ah, minha senhora, sentenciou o illustre psychologo de *boudoir*; se esse homem existisse, já teria morrido! E' que ha uma crise enorme de santos na Côrte Celestial!

Alteração do kalendario

— Si eu fosse quem faz a folhinha, mudava o dia 15 de Novembro para 31 de Dezembro.

RAPIDO BALANÇO

E' hoje o ultimo dia do quatriennio do marechal Hermes da Fonseca. Amanhã S. Ex. deixará o poder para o remanso da vida particular, nos braços do povo que o adora.

Disse o marechal em um dos seus ultimos discursos, que já começam a fazer justiça á sua obra. E assim é, com effeito. Todas as injustiças que lhe foram irrogadas estão desfeitas já na consciencia publica, que considera S. Ex. o mais benemerito governante do paiz desde Pedro Alvares Cabral.

Um ligeiro summario do seu periodo presidencial será util para avivar o enthusiasmo dos seus admiradores, que são todos os brasileiros.

S. Ex. subiu as escadas do Cattete em 15 de novembro de 1910. Isto é ponto que precisa ficar inteiramente liquido. Ha quem acredite que foi em 1900, tão longos pareceram estes ultimos annos. Mas não. Verificando-se documentos daquella epoca, ficou inteiramente demonstrado que a sua ascenção se deu em 15 de novembro de 1910, nem um dia mais nem menos.

Nesse curto periodo o marechal conseguiu elevar o paiz ao primeiro logar, entre todas as nações da America. Começou o seu governo com uma sedição de marinheiros, que S. Ex. reprimiu com a maior energia. Depois de submettidos os revoltosos pela energia do governo, em vez de castigal-os, S. Ex. os hospedou com todo carinho na ilha das Cobras, e depois os mandou fazer uma viagem de recreio ao norte, a bordo do «Satellite». Essa viagem correu em perfeita ordem, sem nenhum incidente desagradavel.

Em seguida S. Ex. se empenhou em pacificar os Estados. Garantiu a ordem e o socego publico em Manáos. No Ceará satisfez a vontade do povo, convidando o Sr. Accioly a ceder o governo ao coronel Franco Rabello, e algum tempo depois mandou o coronel Setembrino receber o governo das mãos do Sr. Franco Rabello, que queria deixar a prebenda. Nessas transmissões o marechal Hermes se portou sempre dentro da lei e da ordem, sem permittir o derramamento de uma gota de sangue.

Em Pernambuco S. Ex. instou muito com o Sr. Estacio Coimbra, para continuar no governo. Como o Sr. Estacio não o quizesse de todo, o marechal consentiu que o Sr. Dantas Barreto tomasse o pesado encargo sobre seus hombros.

Na Bahia S. Ex. manteve a ordem, perturbada pelo povo. Em S. Paulo tambem S. Ex. evitou que a força policial depuzesse o governo. Foi o Sr. Fonseca Hermes que se incumbiu de convencer o coronel Balagny e a policia paulista de que devia acatar o governo do Estado. O Sr. Fonseca Hermes fez essa viagem á sua custa, e o governo de S. Paulo não lhe indemnisou nem o dinheiro da passagem.

Quanto ás finanças o marechal recebeu o paiz quebrado, o Thesouro devendo á praça 200 mil contos, com uma emissão de 250 mil contos de papel-moeda e os pagamentos da divida externa suspensos. S. Ex. restaurou tudo, resgatou a emissão, restabeleceu o nosso credito, e deixa o Thesouro com um saldo de 140 mil contos.

Os governos anteriores tinham o habito funesto de desrespeitar sentenças dos tribunaes do paiz. O marechal Hermes acabou com esse abuso. Acatou todas as decisões da justiça e respeitou todas as suas sentenças.

Não foi somente o marechal que fez beneficios ao paiz. O seu irmão, tabellião Fonseca Hermes tinha um cartorio que lhe rendia muitos contos de réis por mez. Pois com um patriotismo raro nestes tempos de egoismo, deixou o cartorio para prestar serviços ao paiz na politica. Ao fim de quatro annos o Sr. Fonseca Hermes se encontra tão pobre, que teve de renunciar o tabellionato, por não ter mais dinheiro para pagar o bonde da sua casa ao cartorio!

O Sr. Barão de Teffé, coitado, velho, alquebrado, rheumatico, abandona os commodos ao canto do fogão, para acceitar o onus de uma cadeira de se-

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO
COMPRA
SECÇÃO

nador, na qual tem prestado ao paiz os mais relevantes serviços, discutindo com elevação e competencia os mais importantes assumptos. Os outros membros da familia tambem se sacrificaram pelo paiz, o Sr. Alvaro aceitando o precalço do registro de documentos, onde, sem renumeração, presta ao commercio serviços inestimaveis. Outros dous, pobres moços, sujeitaram-se, com todo o patriotismo, a um exilio para o barbaro continente européo onde, distantes da patria saudosa, se consomem em trabalhos por ella.

O marechal respeitou sempre a lei. Nunca despendeu um ceitil sem autorisação. Nunca praticou a menor irregularidade. Apesar disso a imprensa exce-deu-se no direito de critica, analysando e censurando os seus actos, como se elle fosse um simples presidente civil. Para manter o principio da autoridade, S. Ex. decretou um estado de sitio, durante o qual não prendeu nenhum militar nem jornalista, mas metteu na cadeia 108 «bacuráos», caftens e desordeiros.

Elevando assim o Brazil no conceito do estrangeiro, com esse benemerito estado de sitio de oito mezes, S. Ex. poude governar um paiz, impedindo que a gente que o cerca saqueasse o Thesouro.

Na ultima recepção do Cattete, S. Ex. poude ainda prestar um serviço ás artes e aos costumes, introduzindo no palacio do governo a dança eminentemente nacional, *Corta-jaca*.

Amanhã termina esse governo benemerito, e o marechal Hermes deixa o poder nos braços do povo, que cada vez mais o admira e adora.

S. Ex. já hontem recebeu do Sr. Zeballos o seguinte despacho telegraphico:

«Buenos-Aires — Marechal Hermes. Meus effusivos, cordeaes, enthusiasticos e calorosissimos cumprimentos pela seu governo no Brazil. Agora posso morrer em paz, vendo realisado o sonho da minha vida. — Estanisláu Zeballos».

Br

FOLK-LORE

Sol que despontas, memento!
Que a adulação não te impeça
De pensar que infelizmente
Quatro annos passam depressa.

JOTA

O Senado, ha poucos dias, teve uma prova cabal da inconveniencia de serem alli pronunciados discursos laboriosamente escriptos e pacientemente decorados. O senador Epitacio Pessôa, tendo sido de ante-mão escalado para responder ao Sr. Ruy Barbosa, decorou um trabalhado discurso que foi recitado, em seguida ao do insigne tribuno bahiano. Como não podia advinhar o que o Sr. Ruy diria, o Sr. Epitacio decorou vagas declamações. Por isso, a sua trabalhosa resposta não é resposta, não responde aos argumentos formidaveis, e ligeiramente allude a alguns dos factos sobre que versou a oração do grande tribuno. Si a invalidez que arrancou o Sr. Epitacio ao Supremo Tribunal Federal nos consentisse consideral-o um parlamentar esperançoso, pedir-lhe-iamos para não continuar no cultivo da viciadora pratica adoptada, nas lides da infancia litteraria, pelos inexperientes oradores dos gremios collegiaes.

Com discursos decorados, a discussão parlamentar fica transformada em polemica jornalistica.

O anarchista affirmava, convicto:

— A anarchia resolverá o problema do pauperismo, sommadas todas as grandes fortunas e dividida a somma por toda a humanidade caberia um conto de réis a cada individuo, homem ou mulher.

— Dá licença que o interrompa? fez o conservador que o ouvia.

— Pois não.

— E' que á minha mulher tocariam dois contos...

Considerações const'tucionaes

— Quando o Ruy fez a Constituição, elle já tinha inveja de mim, por isso não fez o quatriennio de dez annos.

O ultimo ministerio do Marechal

Sempre prompto, chefe!

Commigo é nove...

A justiça não dorme!

Não fui nisso!

O ultimo ministerio do Marechal

Finanças

Não quiz ser ministro nem consenti que o outro fosse

Creio que não destoei...

AS TROPAS INDIANAS

I — Sicks marchando bara o acampamento. — II Sicks communicando-se com o interprete francez.
III — Indianos empregados no serviço de transporte. IV — Indianos enchendo de balas as fitas das metralhadoras.

COMPENSAÇÕES

A guerra européa tem sido uma causa dos mais barbaros attentados contra a arte, attentados dos quaes a destruição da cathedral de Reims foi o maior, não sendo infelizmente o ultimo.

Em tudo, entretanto, existe uma compensação, reflectia um artista, em roda de collegas.

— Qual é ella, neste caso ?

— E' que a guerra vae fazer apparecer um profusão de poetas heroicos e pintores de batalhas.

Coitado do Uladisláo ! Acaba hoje, irremediavelmente, e para sempre, com a sua gloria de ministro, a fama do seu talento !

Regressando aos seus penates do interior, se conseguir esquecer as façanhas do sitio, o Uladisláo ha de pensar com orgulho e saudade nestes ephemeros tempos em que teve o poder e possuio muito talento.

Sentirá, então, uma certa tristeza, ao verificar o enorme ridiculo que envolve o individuo que ostenta uma cabeça vasia coroada pela fama de um grande talento.

Coitado ! Nesses momentos de exame interior, o Uladisláo ha de pensar que qualquer carroceiro elevado ao posto em que elle esteve, em vez de mandar-se louvar pela posse de brilhantes predicados ausentes, trataria de preencher a lacuna do grande talento com um dose de vulgar bom senso.

Coitado do Uladisláo !

Não se pode dizer, sem faltar á verdade, que o Sr. *Vespasiano de Albuquerque,* illustre *general* que conquistou os seus postos commandando as *palmatoadas* da Central e escutando a oratoria parlamentar como *representante* do Rio Grande do Sul, não deixe traços de sua passagem pelo *ministerio da guerra*. Na secretaria desse ministerio, *S. Ex.* deixa a fama das suas lindas *pilherias ;* deixa, por todo o Brasil, *insatisfeitas,* as necessidades do Exercito ; nos *punhos* de alguns de seus *camaradas,* deixa *galões* que cabiam a outros ; ligado ás anedotas forjadas pelos jornalistas, deixa o seu brilhante *nome* de furibundo *humorista* e, finalmente, numa cadeira de *ministro* do Supremo Tribunal Militar, deixa a sua nobre *pessôa.*

As delicias do lar

— E o teu filhinho mais novo é muito agarrado comtigo ?

— Ah ! não imaginas ; durante o dia, quando não estou em casa, elle dorme que é um gosto ; e passa a noite acordado para gozar a minha companhia.

ABUSOS . .

Na Camara, pseudo-jornalistas que passaram pela imprensa para deshonral-a com indignos processos de extorsão ou cultivando as descomposturas destemperadas, sustentam que é indispensavel regular a liberdade de pensamento, por meio de uma lei favoravel ao rapido encarceramento dos escriptores e á intangibilidade dos lesadores dos bens publicos.

Fallam esses cavalheiros, appoiados por cidadãos de egual prestigio moral, nos abusos e excessos da imprensa opposicionista mas não querem dizer que taes excessos e abusos reflectem os abusos e os excessos dos governantes. Aquelles não são mais censuraveis do que estes.

Os puritanos da honra governamental julgam abusiva e criminosa uma referencia indelicada ao marechal-presidente mas não vêm abuso e excesso no confisco de todas as garantias e na suspensão de todos os direitos, pelo espaço de oito mezes.

As vezes, ouvindo certos individuos falar em honra, tem-se a impressão de que taes sugeitos, nessas occasiões, pensam que ninguem os escuta.

FOLK-LORE

Imposto, horrendo fantasma !
Nesta quadra arreliada,
Mesmo sem ir buscar lá
Sae a gente tosquiada.

JOTA

As pessôas tolas devem ter sempre em mente que o são. E' o unico meio de serem expertas.

A pequenina indiscreta

A VISITA — E você, acorda muito cêdo ?
LILI — Muito. Acordo-me sempre ás cinco horas, quando papai vem da rua e mamãe mette-lhe a bengala.

RECORDAÇÕES DO SITIO

(Depoimento de um preso)

Foi ali pelo dia 6 de Março. Na vespera fôra iniciada a caçada aos jornalistas que jaziam em ferros d'El-Rey Nosso Senhor alguns, emquanto outros prudentemente se esquivavam, sahindo do Districto em sitio ou refugiando-se em hospitaleiras legações. Ao abrir os jornaes da manhã deparei com a noticia de que a policia passara a vespera a bater a cidade á minha procura. Pasmei do faro dos beleguins policiaes. Na vespera, justamente, estivera eu nos logares em que trabalho, a substituir companheiros presos, providenciando para que sua falta não prejudicasse a publicação desta revista e do jornal a que estou ligado. Passára varias vezes pela Avenida indo de uma para outra redacção. Voltára á minha residencia ás mesmas horas habituaes. Nas duas redacções e na minha residencia nem sombra de policia apparecera.

Emfim, como as folhas affirmavam que eu era soffregamente caçado pelas ruas de Sebastianopolis, resolvi-me ir eu mesmo procurar a policia já que esta não achava meios de me encontrar. Fui.

Dirigi-me, na Central de Policia, ao 1º delegado auxiliar. Apresentei-me e tive o desapontamento de ouvir delle que não tinha ordens a meu respeito. Saquei dos jornaes em que vinha a noticia e mostrei-lh'a. Fez-me elle ir ao 2º delegado. Deste, ouvi a mesma resposta. Tambem o 3º, o Dr. Aldrovando, censor-magno da imprensa durante o sitio, não estava resolvido a prender-me. Todos a una affirmaram-me não haver na Policia ordens a meu respeito. Já ia desanimado retirar-me quando lançando os olhos para a noticia publicada nos jornaes um dos delegados disse :

— Ah ! Isto é com o Seabrinha.

— Quem é o Seabrinha ? perguntei alvoroçado.

— E' o delegado do Cattete. Vou telephonar-lhe.

Telephonou-lhe.

E depois de ouvir a resposta, pediu-me com delicadeza : — «Tenha a bondade de esperar.» Indicou-me uma cadeira. Sentei-me, puxei de um cigarro e puz-me pachorrentamente á espera.

O Seabrinha chegou ao cabo de uma hora. Estava a dormir quando recebera a communicação e viera apressurado. O delegado apresentou-nos um ao outro : — »O Dr. Seabra.» — O Sr. C. S.»

Eu que não estou habituado a estas cousas de prisão, murmurei machinalmente o «muito prazer...» de estylo esperando ouvir uma phrase identica. Mas o Dr. Seabrinha, de cara fechada, em vez da formula de polidez disse apenas : — «Ah ! E' o senhor ? Pois está preso em nome do Sr. presidente da Republica !

— O" ! Senhor ! Quanta honra ! E para onde vou ?

— Tenha a bondade de acompanhar-me.

Passou á frente. Segui-o. Levou-me por um corredor, por uma escada, por outro corredor ainda e depois abrindo uma porta que tinha dous guardas-civis de sentinella disse : «Aqui.» E foi-se.

Eu penetrei na sala. Olhei para todos os lados. Grande. Armarios aos dous lados cheios de *dossiers* policiaes. Ao alto um retrato caricatural de Dúdú, obra de algum inexperto amador. Duas janellas rasgadas sobre a rua dos Invalidos. Do outro lado mais uma janella mostrava as bibocas do morro de Santo Antonio.

Um sofá franzino e meia duzia de cadeiras. Duas mesas e um *bureau*.

Sentado a este, o sobrecenho carregado, um senhor que a principio suppuz ser o juiz encarregado de interrogar-me mas que depois e com que prazer, transformou-se no meu querido amigo Dr. Pinto da Rocha.

Demo-nos as mãos e elle como mais velho na casa fez-me logo as honras da hospedagem. Mostrou-me as camas : — o sofá franzino e as mesas — garantiu-me a qualidade da madeira ; affirmou que a comida era boa : fez-me contemplar o soberbo panorama que das janellas se desfructava, sobre S. Thereza, iniciou-me nos habitos da casa, poz-me emfim, á vontade. Dos dias que decorreram até o momento em que nos puzeram em liberdade não vai falar. Palestra amena, leitura obrigatoria, concertos de gramophone de manhã á noite, incidentes varios, comicos alguns, outros que nos obrigavam ao engulho, visitas dos nossos amaveis carcereiros, prosas com os agentes da autoridade, perseguição atroz de esfomeados stegomyas pelas caladas da noite, os dias se succederam mais ou menos uniformes. Uma vez por outra a monotonia era quebrada pela entrada de um companheiro novo que quasi sempre pouco se demorava. Passaram pela nossa prisão, abandonando-nos ao fim de poucos dias, ás vezes de poucas horas, que me lembre, um senhor idoso, aspecto respeitavel, que soube ser o coronel Frota, 1º vice-presidente do Ceará, então em via de libertação pelos jagunços do Padre Cicero auxiliados pelo coronel Setembrino, delegado do P. R. C. naquelle Estado ; o Manuel Bernardino, da *Epoca* ; o Amaro Amaral, do *Figuras e Figurões* ; dous moços que os ciumes de um supplente, commissario ou encostado da policia trouxeram de um arrabalde longinquo e finalmente... Ah ! Mas este merece mais espaço, que é por elle só, que se traçam estas linhas.

Estavamos um dia a ler fraternalmente, o dr. Pinto da Rocha e eu, alguns volumes do Camillo que aquelle meu companheiro fizera vir de sua bibliotheca para desenfado do espirito. Esperavamos pacientemente o almoço que costumava vir das 9 ás 3 horas mais ou menos. Nisto a porta se abre e entra um cidadão alto, delgado, todo de preto, frac, e uma gravata pequena, carmesim, laço feito. Cor terrosa, pommulos salientes, os cabellos rebeldes ao cosmetico balançando para um lado e para outro, repartidos por uma risca central.

Avançou para nós com ar meio desconfiado. Interrogamo-l'o, curiosos.

— O senhor tambem é preso ?

E elle com um suspiro profundo :

— Sim senhor.

— E... é tambem jornalista ?

Outro suspiro ainda mais profundo.

— Sim senhor.

— E... em que jornal trabalha ?

O collega tomou uma posição de nobre orgulho :

— Sou o director do *Commercio*.

Eu olhei para o dr. Pinto da Rocha. Este olhava para mim. *Commercio ?* Não conheciamos.

— Mas... seu jornal publica-se nesta cidade ?

— Sim senhor. Em Santa Cruz. Pois os senhores não conhecem o *Commercio ?*

Affirmamos convictamente que sim. Pois não. Ora, não haviamos de conhecer o *Commercio*, o *Commercio* de Santa Cruz !

Conheciamos em Santa Cruz até o Camará.

— Ah ! disse elle então com o rosto illuminado, pois o Dr. Camará é meu correligionario.

Pasmamos.

— O meu jornal é a folha de maior tiragem e circulação em Santa Cruz, podem acreditar.

Acreditamos.

— E não é só em Santa Cruz. Tambem em Itaguahy. Porque o meu jornal é epiceno; serve aos interesses de Santa Cruz, no Districto Federal e aos do Municipio de Itaguahy no Estado do Rio.

O Dr. Pinto da Rocha estava absolutamente esmagado. Eu tambem. Arriscamos uma pergunta:

— E o seu jornal faz opposição ao governo? Sim, porque para o Sr. ser preso...

— Ah! meus caros senhores, uma opposição tremenda ao Honorio Pimentel. Não é para me gabar mas tenho publicado artigos terriveis contra elle. Ora escutem. Este foi o artigo de fundo do ultimo numero.

Levantou-se. Poz a cadeira em que se sentava na sua frente, pousou a mão esquerda sobre o encosto e espalmando a direita começou:

«Os interesses deste prospero pedaço de terra do Districto Federal não podem, não, não podem de fórma alguma, não podem absolutamente continuar á mercê da horda de politiqueiros que o querem escravisar, desprezando os sacrosantos direitos e a justissima causa do Povo, em beneficio de uns poucos, de uma meia duzia talvez de individuos sem amor a elle, a esse abençoado torrão do nosso bem amado Brazil, paiz de opulencias e de maravilhas, terra bem fadada e destinada a melhor sorte se não fossem aquelles que a exploram em favor dos seus negregados interesses! Mas cautella! Nós aqui estamos sempre, sentinellas vigilantes, sempre alerta para abrir os olhos desse povo generoso e sempre victimado pelos politiqueiros!!!...»

....

etc., etc.

Durante uns vinte minutos, senão mais, ouvimos a ejaculação do artigo, resignados. No fim applaudimos convictamente o orador, ou antes o articulista. Enthusiasmado elle continuou:

— Mas não é isto sómente. Ainda no mez passado, a proposito da valla de sangue do Matadouro, publiquei o seguinte artigo:

«Não nos cansaremos de, em defeza dos interesses e da saúde do bom povo deste longinquo suburbio, que parece abandonado pelos poderes publicos, de chamar a attenção do Exmo. Sr. Prefeito Municipal, necessariamente illudido pelos politiqueiros que empolgaram esta pobre terra, impedindo-o de ver claro aquillo que elles lhe occultam com evidente má fé, em detrimento de Santa Cruz!...»

....

Outros 20 minutos de leitura, ou antes de oratoria, pois o collega recitava de memoria os artigos de fundo do seu jornal. Nós estavamos positivamente succumbidos. E quando após os applausos discretos elle se preparava para injectar-nos um terceiro artigo de fundo sobre a cultura da goiaba, procuramos habilmente um derivativo.

— Ah! Agora comprehendemos perfeitamente a sua prisão. E lamentamo-l'o, positivamente lamentamol-o.

O homem olhou-nos assustado.

— Mas porque?

— Pois o amigo ignora a nossa sorte? Nós estamos aqui, estamos em Cucuhy ou Tabatinga.

— Se não formos para o outro mundo.

O collega empallideceu e sentou-se succumbido. Depois de alguns minutos disse:

— E eu que podia ter fugido a cavallo para Itaguahy!

— Mas venha cá. O senhor escreveu alguma vez contra o Marechal ou o general Pinheiro Machado?

— Que me lembre, não. Póde ser, mas não me recordo.

E o director do *Commercio* poz-se a passear, nervoso pela sala. O Pinto da Rocha e eu nos embrenhamos em prolongada discussão sobre a obra de Camillo. Estavamos longe, lá por S. Miguel de Seide, onde foram forjados os «Serões» quando ouvimos um berro estrangulado:

— Achei!

Voltamo-nos assustados.

O collega de Santa Cruz, o fura-bolos espectado na testa, encarava-nos repetindo:

— Achei!

— Achou o que?

— O motivo.

— Que motivo?

— Da minha prisão.

— Qual foi?

— Que na verdade, ha tempos, num artigo, tive o arrojo, a grande ousadia de chamar o general Pinheiro Machado de..

Fez uma pausa prolongada.

— De.... ? inquirimos anciosos.

— De Satanaz! concluiu elle, num arranco.

— Ah! fizemos consternados, pois o senhor teve esse topete? O senhor teve essa coragem? Mas, desgraçado, então o senhor está positivamente perdido! Não escapa! Olhe que por muito menos estamos aqui os dous...

Nisto abre-se a porta e entra um funccionario da policia. Dirige-se ao collega:

— Seu nome?

— Fulano.

— Em que jornal trabalha?

— *Commercio*. Sou o director.

O funccionario foi-se e nós ficamos a trocar olhares com o novo preso, olhares que sem duvida eram carregados de piedade, pois elle nos correspondia com outros agradecidos. De repente volta o mesmo funccionario da policia. Vinha pallido. As pernas tremiam-lhe. Balbuciara:

— O senhor é mesmo director do *Jornal do Commercio*?

Sentimos a tragedia.

Lá em baixo, no gabinete do chefe, nas delegacias auxiliares devia andar tudo numa dobadoura. Imaginem os senhores. Preso o director do *Jornal do Commercio*, o orgão conservador por excellencia, amigo do governo, de cambulhada com os escrevinhadores da chamada imprensa amarella pelos escribas alugados ao thesouro! Fôra decerto um equivoco, mas que terrivel, que lamentavel equivoco! O funccionario policial, as feições transtornadas aguardava a resposta.

O collega não abusou de sua paciencia.

— Não senhor. Sou do *Commercio*.

— Mas que *Commercio*?

— O *Commercio* de Santa Cruz.

Foi maravilhoso o effeito. O funccionario policial teve as feições expandidas pelo jubilo. Berrou um *Ora!* desdenhoso e voltou-nos as costas.

Dahi a momentos o nosso infortunado collega era posto em liberdade.

....

C. S.

A POLITICA

As caricaturas feitas pelos estudantes na Praça da Republica e que determinaram a reunião de generaes que as julgaram offensivas aos brios das classes armadas.

No momento em que o marechal Hermes da Fonseca, cercado da consideração dos seu scorreligionarios em via de extincção, deixa, com o poder, os palacios presidenciaes, devemos, em obediencia á justiça, reconhecer que o seu governo foi um franco inimigo do nepotismo e jamais servio aos interesses olygarchicos nem teve preoccupações de ordem familiar.

Dois dos seus tios foram promovidos ao posto de general, mas em virtude dos meritos proprios, como só por causa desses trepou ao governo de Alagoas o coronel Clodoaldo da Fonseca.

Irmão do Presidente, o honrado tabellião Fonseca Hermes, cujos filhos servem desinteressadamente o paiz exercendo cargos publicos, conquistou uma cadeira na Camara dos Deputados com a força unica das suas reconhecidas virtudes.

Os filhos do marechal não foram nunca favorecidos pela posição de seu progenitor. O tenente Mario conseguio ser deputado pela Bahia com aquelle brilhante prestigio pessoal que bastaria para elegel-o, mesmo que o presidente não fosse quem era. Os tenentes Euclydes e Leonidas poucas vezes desempenharam as funcções que acceitaram na Casa Militar por que outros os substituiam com generosidade e sem desvantagem. Um, para dar lustre ao nome da patria, submetteu-se a fazer uma penosa viagem de passeio aos Estados-Unidos, acompanhando o ministro Lauro Muller; o outro foi o zeloso mordômo de um proprio nacional existente no Sylvestre. O cidadão Hermes da Fonseca Filho, tendo incorrido em falta disciplinar, foi excluido da Escola Naval e com tão sereno estoicismo soffreu a exclusão, que foi immediatamente empregado no Ministerio das Relações Exteriores. O pequeno Manoel Deodoro herdou o palacete da rua Guanabara, dignamente adquirido por subscripão.

Encontram-se identicos exemplos de abnegação na segunda familia do Presidente. O Barão de Teffé apenas ganhou a cadeira de senador e uma farda de almirante; o Dr. Alvaro de Teffé, após ter sido chefe da casa civil e ministro diplomatico, recolheu os despojos de uma das victimas do desastre da Mogyana; o Dr. Oscar Teffé é nosso ministro em Berlim e o Sr. Octavio não passou de secretario de Legação.

Até com os seus illustres parentes mortos o Sr. Hermes foi de ferrea intransigencia, e por essa razão sae do governo sem ao menos deixar uma estatua a Deodoro.

No quatriennio que finda amanhã, sob a influencia do illustre presidente Hermes, o progresso das Lettras foi particularmente notavel pela morte de eminentes escriptores entre os quaes devemos recordar Araripe Junior, Aloysio Azevedo, Sylvio Romero, Salvador de Mendonça, Jaceguay e Quintino Bocayuva.

A historia perdeu a individualidade excepcional de Rio Branco e a litteratura politica ficou privada da figura singular de David Campista.

O desenvolvimento da pintura attingio ao suicidio de um candidato ao premio de viagem, a esculptura collou mais uma placa ao monumento de Floriano, o desenho perdeu Angelo Agostini.

A evolução da arte musical coincidio com a retirada de Arthur Napoleão da vida artistica e levou aos salões as musicas plebéas.

O theatro evoluio para o *cabaret*. As artes coreographicas, exercendo uma salutar transformação moral, introduziram nos lares mais recatados o tango, o maxixe, e outras danças honestas.

O canto não ficou estacionario no meio desse espantoso progresso e levou para as salas diplomaticas e officiaes a lettra dengosa dos lundús mestiços.

A oratoria parlamentar chegou aos pinaculos da eloquencia e na Camara surgiram discursadores do topete intellectual de Gentil Falcão e Felinto Sampaio, Fofó de Brito e Vasconcellos de Surucucú.

Esse rapido esboço tracejado ao correr apressado da penna, basta para demonstrar que este foi o periodo presidencial mais fecundo em lettras e glorioso em artes.

A crise e o progresso

— Que horror! que vida impossivel!
Clamava um *prompto*; ninguem
No bolso tisico tem
Um nicolão disponivel.
Da fortuna baixa o nivel,
De maneira nunca vista!
Que tal situação persista,
Cansado de desenganos
Eu deixo da terra os *planos*,
Faço-me *aero-planista*.

D. XIQUOTE

A mentira profissional

— São uns bandidos, eu affirmo! Esses jornalistas deviam ser todos corridos a chicote! Vivem mentindo e calumniando. O que elles têm dito da Allemanha, da França... é falso. Eu te asseguro. Não ha nada. Reina perfeita paz na Europa. Não ha guerra nenhuma.

AO AR LIVRE

Os auxiliares do marechal

Nunca, em quatro annos, um Presidente, em nosso paiz, appellou para maior numero de auxiliares. Infelizmente esses appellos jamais eram feitos ao merito e este raras vezes appareceu entre os cidadãos que ajudaram a desorganisar o Brasil. Raras vezes appareceu o merito, e só appareceu para fingir que não o era.

O Presidente Hermes teve 3 ministros da Guerra:

General Dantas Barreto.
General Menna Barreto.
General Vespasiano de Albuquerque.

Os seus ministros da Marinha foram os 4 seguintes:

Almirante Marques de Leão,
Almirante Belfort Vieira.
General Vespasiano de Albuquerque.
Almirante Alexandrino de Alencar.

Foram 2 os ministros da Fazenda:
Francisco Salles.
Rivadavia da Cunha Correia.

Pelo ministerio da Justiça passaram os 2 politicos:

Rivadavia da Cunha Correia.
Herculano Uladislão (?) de Freitas.

Os ministros da Agricultura não passaram de 2:
Pedro de Toledo.
Edwiges de Queiroz.

Foram em numero de 3 os ministros da Viação:
J. J. Seabra.
Pedro de Toledo.
Barbosa Gonçalves.

Não foram alem do numero de 2 os ministros do Exterior:

Rio Branco.
Lauro Muller.

Os sub-secretarios do Exterior attingiram ao numero de 4:

Enéas Martins.
Regis de Oliveira.
Frederico de Carvalho.
Luiz de Souza Dantas.

Dos ministros alguns tiveram destinos nem sempre invejaveis. Estão mortos Rio Branco, Marques de Leão e Belfort Vieira. São governadores, Dantas Barreto e Seabra. Reformou-se Menna Barreto. E' ministro em Roma, o dr. Pedro de Toledo. Planta batatas em Minas, o sr. Francisco Salles.

Dos subsecretarios do Exterior, um, o sr. Enéas Martins, é governador do Pará.

Os chefes da Casa Civil chegaram ao numero de 4:

Alvaro de Teffé.
Jesuino Cardoso.
Baeta Neves Sobrinho.
Domingos Magarinos.

Com tantas mudanças e com tantos auxiliares na alta administração, o marechal fez o governo que vae ficar sem egual na historia do Brasil.

J. Falcão

Botafogo, Novembro de 1914.

EPILOGO

Pinheiro — Deus o favoreça.

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO COMPRA

FRANÇA

Acampamento das tropas indianas

Se a Allemanha vencer...

O Embaixador allemão nos Estados Unidos, com uma loquacidade extranhavel no representante de uma potencia que está sendo acommettida por todos os lados, divulgou as seguintes exigencias que a Allemanha victoriosa imporia á França vencida:

1a — Todas as colonias francezas, inclusive Marrocos, Algeria e Tunisia.

2a — A região comprehendida ao nordeste de uma linha recta tirada de Saint-Valery a Lyon, comprehendendo mais de um quarto de todo o territorio francez, com dezesseis milhões de habitantes.

3a — Uma indennisação de 10 biliões de francos.

4a — Entrada, no territorio francez, livre de qualquer imposto e sem reciprocidade, das mercadorias allemães, durante 25 annos, no fim dos quaes voltaria a vigorar o tratado de Franckfort, concluido em 1871.

5a — Suppressão, por 25 annos, do recrutamento em França.

6a — Demolição de todas as fortalezas de França.

7a — Entrega de tres milhões de carabinas, tres mil canhões e quarenta mil cavallos.

8a — Direito de patente ás marcas allemães, por 25 annos, sem reciprocidade.

9a — Separação da Republica Franceza dos seus alliados da Russia e da Inglaterra.

10a — Alliança da França com a Allemanha durante 25 annos.

Se estas realmente são as condicções que a Allemanha pretende impor á França, ao ser esta vencida, pode-se affirmar que os allemães elevam o seu odio ao povo francez ao nivel dessa raiva britannica, que marca o fim da guerra para o dia em que os alliados consiguirem arrasar a Allemanha, desmembrando o Imperio.

A França, pelo plano allemão, recusaria, assim, para a quem dos seus limites historicos e ficaria reduzida a uma pequena nação.

ORACULO

Domingo — O marechal Hermes entregará o governo ao Dr. Wenceslão Braz e seguirá para Petropolis acompanhado pelo Senador Pinheiro Machado.

Segunda-Feira — O Dr. Wenceslão Braz sahirá do Metropole Hotel para o Palacio do Governo, acompanhado pelo Senador Pinheiro Machado.

Terça-Feira — O Senador Pinheiro Machado irá almoçar com o Dr. Wenceslão Braz porem chegará tarde.

Quarta-Feira — O Senador Pinheiro Machado offerecerá um almoço ao Dr. Wenceslão Braz, o qual comparecerá representado por um telegramma.

Quinta-Feira — O General Pinheiro Machado visitará o General Souza Aguiar.

Sexta-Feira — O General Souza Aguiar escreverá uma carta ao *Correio da Manhã*, declarando que a sua espada está ao serviço do governo constitucional.

Sabbado — Os jornaes annunciarão que o Senador Pinheiro Machado parte para Portugal, afim de tratar da sua preciosa saúde.

Mme de Thebes

Epitaphios definitivos para tumulos perpetuos

I

Aqui repousa aquelle cavalheiro
Que alguem cheiroso achou e achou bonito.
Deixou num atoleiro,
Menos por máu do que por imperito,
A carroça do Estado,
Cujas redeas metteram-lhe na mão,
Num dia agoniado,
O medo, o engrossamento e a cavação.
Aprouve-lhe deixar
Desencadear-se um vento de loucura
Por quatro annos que andou, lesto, a cavar
A propria sepultura.

II

Aqui jaz um noctivago fumante
De famosos charutos
Que á Justiça por vezes deu durante
O dia alguns pilhericos minutos.
Do que delle ficou
O que mais revelou seu descortino
Foi o acto pelo qual não reformou
Mais uma vez o ensino.
Cedendo ás injuncções eleitoraes,
Gentes introduziu
Na briosa milicia muito mais
Do que quantos charutos consumiu.

III

Aqui repousa a ossada
De um alto Talleyrand catharinense,
Engenheiro tambem, e homem de espada.
Aos posteros pertence
Dizer qual era d'esses tres andares
O que tinha mais alto pé direito,
Si o mesmo era o seu geito
Para pontes, manobras e jantares.
Sente-se a sua falta,
Pois do Poder nos multiplos palacios
Foi sempre ave pernalta
Atrapalhada pelos gallinaceos.

IV

Aqui repousa aquelle que escrevia
Epistolas de estylo arranca-rabo,
Quando a fina ironia
Sabia cultivar: não estando *brabo*.
Os posteros talvez
Nunca possam saber de modo claro
O que foi que elle fez,
Pois sempre foi de informações avaro.
Andasse bem ou mal,
Parece estar comtudo averiguado
Que, apezar de gaúcho e general,
Elle dava melhor p'ra deputado.

V

Aqui jaz um gaúcho guedelhudo
Que gosava da fama de poupado,
Quer do seu quer de tudo
Que lhe fosse confiado.
Só não poude exhibir tamanha prenda
Dos dinheiros do Estado na gerencia,
Pois achou a Fazenda
Em genuina indigencia.
Empilhou, mas gritou que honestamente,
E todo mundo deve estar convicto,
Dera-lhe o Omnipotente
Tanto esse dom como o de ser bonito.

VI

Aqui repousa aquelle que o caminho
Andava a encarecer da agua salgada.
Sem olhar com carinho
Para a terra, que, inculta e despovoada,
Nem o ouro lhe daria nem a gente
Que ás naves dão valor.
Seu cerebro forjou continuamente
Ousados planos cheios de fulgor;
Faltou, porem, a quilha
A quasi tudo quanto concebeu
E, abrindo a Morte a tragica escotilha,
Não tendo mais que conceber, desceu.

VII

Aqui descança aquelle ex-intendente,
Homem quieto e sisudo,
A quem foram buscar subitamente
Para um posto graúdo,
No qual, com grande rectidão e tino,
Trabalhou, trabalhou,
Sem achar que tivesse por destino
Fazer o que ninguem d'elle esperou.
Mais tarde fatigado,
Sem se saber ao certo si adoeceu,
Obediente a um habito antiquado,
Como os outros morreu.

VIII

Aqui jaz a exquisita creatura
Que entorpeceu maravilhosamente
A pobre agricultura
E muito mais faria certamente,
Si a Parca ajuizada
O não tivesse a tempo conduzido
A' ultima morada.
Facto de toda gente conhecido
E' que num raio immenso
Da sua sepultura nunca nasce,
Quer chova muito ou faça sol intenso,
Nem mesmo um pé de alface.

JEAN GRIMACE

A excepção da regra

O marido — Vocês mulheres são impossiveis ! só vivem falando mal da vida alheia...

A esposa — Não é tanto assim, não ha regra sem excepção ; nem todas são como a D. Marocas, que é uma lingua viperina e não se lembra de que a filha casada veste como uma cocotte e que o filho já deu um desfalque na Central e vive mettido nos clubs, jogando...

— Basta, basta, minha mulher, já estou convencido de que nem todas são como a D. Marocas...

Vingança ?...

Nesta ordem eu deixo tudo bem esmulambado

[library stamp]

DIALOGO

Um professor de canto e um actor dramatico, ao entardecer, no Passeio Publico, diante do busto de Gonçalves Dias.

— Este paiz está perdido.

— Este.

— Os artistas aqui não valem nada.

— Não.

— Veja você o que acontece com canto. E' uma arte importante. E' uma arte que vae decidir dos destinos da Europa. Não leu nos jornaes?

— ? !

— O imperador da Allemanha ordenou que as suas tropas entrem em fogo ao som de canções.

— E' bonito.

— Os francezes e os inglezes combatem cantando.

— Então os campos de batalha da Europa são como theatros lyricos.

— Isso. Imagine, meu amigo, que os allemães avançam cantando um hymno do Rhenno, os inglezes resistem cantando o *God save the King!* e os francezes investem cantando a *Marselheza*. Quem vence?

— Os francezes!

— Talvez não, os allemães têm muito bons pulmões.

— Qual o que, maestro, allemão não vence francez.

— Não se trata da superioridade de um sobre outro. Trata-se, porém, de quem canta melhor. Eu citei o facto para mostrar que o canto é uma arte de influencia nos destinos das nações e o nosso governo devia tratar dessa nobre arte com maior carinho.

— O nosso governo tem mandado cantores de ambos os sexos á Europa.

— E' aqui, não é na Europa, que precisamos de cantores.

— Elles vão aprender lá.

— Lá elles não aprendem os nossos cantos nacionaes, que são os unicos que nos podem servir na guerra.

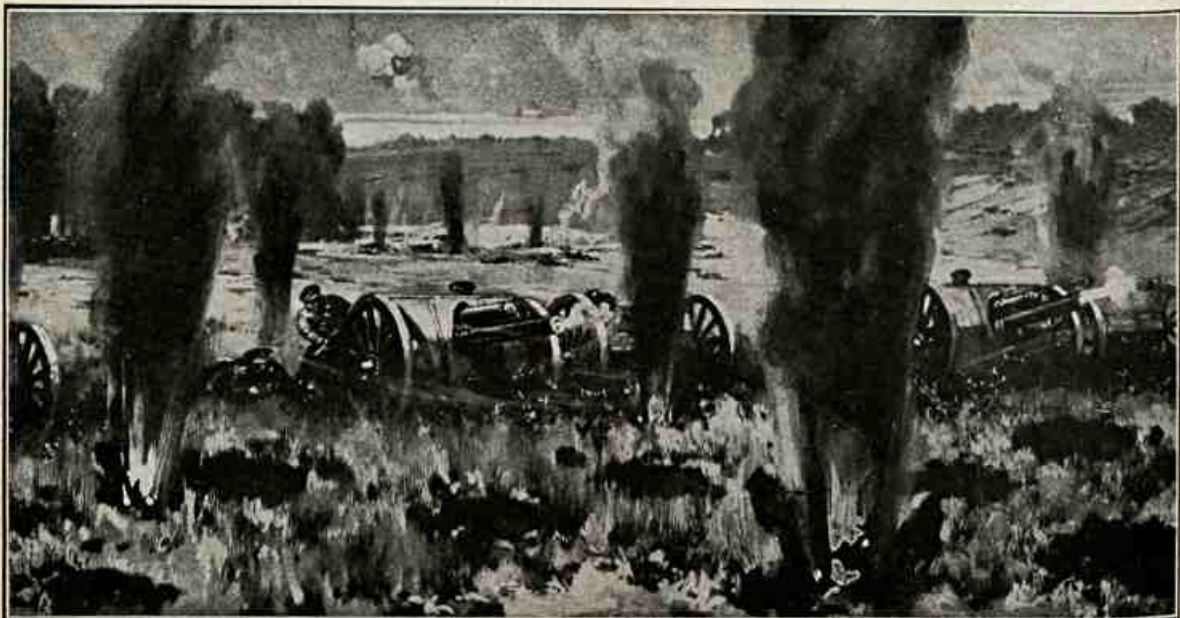
— E nós temos cantos nacionaes?

— Olhe para esse busto! Não temos *O sabiá*, de Gonçalves Dias. Não temos *A mulata de Caxangá*. Então você acha que os argentinos resistiriam ao *Corta-jaca*?

Pede-nos o nosso confrade Luiz Honorio que retifiquemos a nossa local relativa á suspensão definitiva da *Ultima-Hora*, pois essa folha deve reapparecer em Janeiro.

A' porta do livreiro

— Estou com o meu romance quasi prompto.
— Que genero?
— Lyrico-passional; contem episodios de fazer chorar o leitor de coração mais duro; tanto assim que já contractei com o meu editor fazer acompanhar cada exemplar de um lenço, entre as paginas.

NA FRONTEIRA FRANCO-BELGA

A artilharia ingleza recebendo as grandes granadas allemães que, relativamente, causaram pequenos damnos

BIBLIOTHECA NACIONAL RIO DE JANEIRO

A GUERRA

Um padre francez, que é soldado no exercito que opera na Belgica, depois de uma batalha, funccionando como sacerdote nos funeraes dos seus camaradas

Esgotados todos os argumentos, velhos e novos, sae-se o Emilio, intempestivamente, com este :

— Homem, sabe você o que mais? no tempo do imperio você não conseguiria ser engenheiro !

Era um argumento *ad homine*, irritantissimo ; os companheiros da roda olharam os dois, a espera de uma replica malcreada.

O engenheiro preferiu ser calmo : — não discuto, apezar de que tenho consciencia de ter conquistado com muito estudo meu diploma... mas é uma opinião pessoal e, já disse, não a discuto...

— Não, não tinha !... insistia o Emilio com ar muito sério !

— Mas, pelo menos, — pediu o outro, — diga-me porque? porque?

— Ora, é muito simples; quando foi proclamada a Republica ?

— Em 89.

— Muito bem ; e que idade tinha você nessa época ?...

A gargalhada geral confirmou o acerto do nosso grande satyrico ; com sete ou oito annos de edade, que tantos teria o amigo em 89, nem na Academia do Lawrence ser-lhe-ia possivel formar-se em engenharia...

D. X.

MALENTENDIDOS

Conta-se de Mark Twain o seguinte caso, passado com um ministro protestante que tinha fama de grande pregador.

Depois de ouvir um dos seus sermões, o humorista cumprimentou-o calorosamente :

— Muito bem, muito bem ! gostei immenso; tenho em casa, entretanto, um livro onde se encontra esse seu sermão, palavra por palavra.

— Impossivel ! bradou o clerico, com ar de justo desagrado.

— Garanto-lhe que tenho ! affirmou Mark Twain.

— Pois neste caso é um grande favor mandar-m'o hoje mesmo á minha casa ! fez o orador, retirando-se contrariado.

— Pois não !

E com effeito, horas depois recebia o ministro, do seu pandego amigo, um Diccionario inglez, onde, com effeito, se achava *palavra por palavra*, o sermão suspeitado de... plagio.

* *

Caso identico a este foi o succedido aqui no Rio, n'uma roda da Colombo, entre o Emilio de Menezes e um joven poeta amigo, que tambem é engenheiro civil.

Discutia-se a questão de formas de governo, em these.

O Emilio era pela formula monarchica, o seu contendor pela republicana.

AS PRINCEZAS ALLEMÃES

A princeza Victoria Luiza, gran-duqueza de Brunwick, e filha unica do kaiser, vestindo o uniforme dos «Hurrards da morte», e sua cunhada a gran-princeza Cecilia, com a farda dos Dragões, no acampamento do gran-principe, em França

O animal desconhecido

II

E foi ao palacio real acompanhado do mordomo. No palacio tinha-se mesmo a impressão de um grande acontecimento. Os lacaios ferviam pelos corredores, damas passavam apressadas, arrastando longas caudas, os veludos brilhavam offuscadoramente, luzes offuscavam como numa noite de festas. E tudo aquillo para o receber.

E entrou no salão da côrte. Era todo marmores, doirados, pelucias. Já a côrte estava reunida. Os pares do reino, os principes, os archiduques, toda a alta hierarchia da raça dos bichos. Numa poltrona lá estava o Tigre governador dos Campos, todo vestido de negro ; em seguida a Aguia, senhora dos Ares, mostrando o seu bico poderoso ; a Baleia, princeza das Aguas, installada numa piscina marulhante ; a Sucuryu, governadora dos Rios, enroscada silenciosamente : o Urso Branco, senhor dos Polos, deitado num bloco de gelo ; o Orangotango, o principe da Agilidade, coçando-se insistentemente ; o Cisne, prefeito dos Lagos, a mostrar o seu collo olympico ; o Sabiá, o grande cantor do reino, encarapitado num galho verde. Seguia-se o ministerio : a Panthera que presidia o conselho de ministros ; o Rato, tutelar da pasta da Fazenda, o Kágado que dirigia a Viação, o Gafanhoto que fazia as prosperidades da Agricultura, o Jumento as da Instrucção, a Cascavel que diplomatica e pacificamente administrava a pasta do Exterior e o Pombo que tinha sobre si o peso da da Guerra.

Ergueram-se todos. O rei entrava trazendo pela mão a rainha. Atraz — a comitiva de damas de honor. Vinha um bando de Borboletas abanando a cabeça augusta da Leôa ; Abelhas carregavam favos de mel ; Beija-flores levavam-lhe a bocca o nectar das flores.

O Saguim sentiu-se desejado no turbilhão das aias. Pareceu-lhe que a Jassanã lhe havia piscado os olhos; a Corsa poz-se a sua frente numa attitude elegante ; sentiu o vivo olhar da Garça, a faceirice da Patativa ; a Lontra roçou-lhe o pêllo de seda ; a Ovelha soprou-o com o halito quente ; a Cadella fez-lhe positivamente um aceno apaixonado.

Sua Magestade — o rei — subia ao throno. O Saguim avançou, subiu os degráos, beijou a mão do Leão e a orla do vestido da rainha.

Houve um grande silencio. Afinal o rei falou.

Queria saber delle, Saguim, o que havia de verdade na noticia publicada pelo jornal do Papagaio.

— Tudo, Magestade ! respondeu.

— Quero, porém, que me contes essa historia ao vivo. Não creio muito nos jornalistas. Aqui estamos, eu, a rainha e a côrte para ouvir-te. Queremos pormenores.

O Saguim mal podia falar, deslumbrado pelo esplendor e pela solemnidade da côrte. E foi timidamente que começou.

— Fui dar o meu passeio habitual ao campo. Como fazia um pouco de sol metti a minha *charrete* na sombra da matta...

E contou tudo, tudo, tudo aquillo que desde manhã contava aos que o faziam parar na rua.

Aquillo, porém, não satisfez a côrte. Ella queria minucias, muitas minucias a respeito do novo animal.

— De que tamanho é o bicho ? perguntou o Leão.

O Saguim deu as dimensões — metro e meio pouco mais ou menos.

— Volumoso ?

— Não, Magestade. Magro, esguio, muito esguio.

O Bode, professor de zoologia do liceu do reino, que fôra convidado a assistir a reunião, pedira licença para fazer umas perguntas. Foi-lhe dada a palavra.

— De que tamanho são os pés do animal ? indagou.

O Saguim confessou que não havia visto pés. Parecia-lhe até que o animal não tinha pés.

O Bode cavalgou os oculos, fitando-o:

— O senhor não se teria illudido ? Não seria uma Cobra ?

O Saguim protestou. Não era tão ignorante que não conhecesse uma Cobra.

— Está bem, está bem ! repetiu o professor. Diga-me cá uma coisa : qual a côr dos olhos do animal ?

O Saguim affirmou que não divisara olhos. Vira um só olho e, esse mesmo, não sabia bem se era olho ou bocca.

— Então é um animal cego ? fungou ironicamente o zoologista. Não tem pés, nem olhos... E' singular.

Aquelle «singular» desnorteou completamente o Saguim. Sentiu que lhe não estavam acreditando nas affirmações. E, num arranco de revolta, deu um salto, empinando-se :

— Parece-me que não creem no meu testemunho. Em presença do rei, em presença da côrte juro pela minha honra que tudo é verdade.

O juramento feito assim solemnemente, com tão vivo impulso de honra offendida, causou profunda impressão na sala.

— Ninguem está a duvidar, retorquiu o Bode, palpitantemente impressionado. Estou perguntando apenas para esclarecer a verdade. Em sciencia a verdade é tudo.

E limpando pacientemente os vidros dos oculos :

— Diga-me uma coisa : que volume tem o tronco do animal ?

— Não vi tronco.

O Bode ergueu-se da poltrona :

— Não viu tronco ?

O Saguim insistia :

— Não.

— De que feitio é então essa individualidade zoologica ?

O outro descreveu. Vira apenas o pescoço do animal. Parece mesmo que elle só tinha pescoço — um metro pelo menos, comprido, fino que terminava por um orificio que elle não sabia se era bocca ou olho.

A côrte estava atterrada, o Bode tinha duas largas rugas na testa.

— E a cabeça ? perguntou.

— O animal não tem cabeça.

— Não tem cabeça ?

— O pescoço termina pelo orificio de que já falei, explicou o Saguim.

— Singularissimo ! exclamou o professor. E os dentes ?

— Não tem dentes.

O Bode calou-se como que atordoado, limpando o suor da testa. Minutos depois repetiu :

— E' um caso sério, um caso muito sério !

O rei falou dirigindo-se a côrte :

— Que dizem a isso ?

Levantou-se o Urso Branco. Era da opinião do illustre professor Bode. O caso era muito sério. Achava que a coróa devia mandar os seus sabios estudar o animal desconhecido. Não só satisfazia a curiosidade popular, como tambem dava um grande passo em prol da sciencia.

O Bode pediu novamente permissão para falar. Como professor de zoologia achava que era de sua obrigação ir estudar o animal descoberto pelo Saguim. Não se privaria dessa curiosidade e desse prazer scientificos, salvo se Sua Magestade ordenasse o contrario. Mas havia uma circumstancia imperiosa para a qual pedia a attenção do rei e da côrte. O animal, pela descripção que se acabava de fazer, era absolutamente desconhecido do mundo da sciencia. Ninguem sabia, portanto, se elle era inoffensivo ou perigoso. Sabia-se, sim, que era um animal pequenino de dimensões sem vulto, mas isso pouca importancia tinha porque por mais rudimentar que fosse a noção que se tivesse de historia natural, todo mundo sabia que, animaes minusculos, são as vezes perigosissimos. Parecia-lhe, portanto, um pouco temeraria a lembrança de mandar os sabios do Reino estudar o tal bicho. Era bem possivel que todos elles fossem imolados ao desempenhar a gloriosa empreza.

— Que fazer então ? perguntou o Urso. Deixar o Reino na ignorancia.

— Não disse isso, retorquiu o Bode. Acho, porém, que só se devem mandar os sabios bem garantidos, bem defendidos.

— Defendidos ? fez a Cascavel sem compreender.

— Defendidos, sim ! repetiu o Bode. Que ninguem pense que eu estou a fugir. Penso, entretanto que, ao lado da commissão dos sabios, deve ir uma força para os defender.

A Panthera affirmou que era irrisoria aquella precaução.

O Leão fel-a calar com um gesto, dizendo :

— O Bode tem razão. Os sabios ou bem estudam o novo animal ou bem se defendem. Vou mandar que um batalhão os acompanhe.

O Lobo veiu cochichar nos ouvidos do rei. O Leão bateu com a cabeça, dizendo :

— E' bem lembrado ! é bem lembrado !

E, immediatamente, voltando-se para a côrte :

— E como o estudo do novo animal é um passo pela sciencia, eu, para dignificar a sciencia e por bem do meu povo, acompanharei os sabios e o exercito.

O salão da côrte estroudou numa tempestade de palmas.

Havia terminado a reunião.

Continúa)

VIRIATO CORRÊA

Despreso pela vida

ELLE — E' então inabalavel a tua resolução ?

ELLA — Inabalavel !

ELLE — Então... Adeus !... Até a outra vida !... Eu vou á escola.

COMO SOLDADO

O Loureiro, emprezario de theatros, querendo montar uma peça patriotica, genero militar, contractou varios sujeitos para fazerem de soldados na comparsaria.

Em um dos ensaios, o director de scena, depois de esgotados todos os recursos para fazel-os obedecer á rubrica, gritou furioso :

— Nada disto, meus senhores ! Os senhores têm que marchar e fazer as evoluções como se fossem soldados, a valer !

O Loureiro approxima-se e cochicha ao ouvido do ensaiador :

— Não fales assim ! Olha que eu arranjei essa gente num batalhão da Guarda Nacional...

OO

A Turquia, mettendo-se na conflagração européa e ficando ao lado da Allemanha, pode fornecer aos alliados, no momento da victoria com que contam esmagar o imperio Allemão, o pomo cuja partilha ha de, talvez, dividil-os. Si o imperio do Sultão ainda possue terras na Europa, deve-as á difficuldade da divisão. A posse de Constantinopla é a ambição secular dos russos e um desejo, tambem secular, dos inglezes. Para a Inglaterra como a Russia, a antiga cidade das mesquitas que se reflectem no Bosphoro tem um interesse vital. Antes dos primeiros feitos de armas com os turcos, o governo russo, revellando as suas intenções sobre o futuro, mudou para *Tzarad* o nome da metropole de Constantino. O governo inglez, com a sabedoria que o caracterisa, antes da victoria final das armas alliadas, deixará o russo dizer e fazer quanto quizer. Na hora da partilha, depois do esmagamento da Allemanha, a velha Albion, appoiada na esquadra que venceu em Tshusima, mostrará aos moscovios a qualidade superior da armada britanica e alinhando os exercitos aguerridos nos combates da França e da Belgica recordará o valor das hostes que triumpharam em Mukden. Haverá, então, uma guerra, entre os dois alliados de hoje ? Talvez não. Constantinopla será internacionalisada.

OO

No ministerio da Agricultura. O Dr. Edwiges de Queiroz, preparando as malas, está de phisionomia carregada. Ao redor d'elle, mas de longe, os funccionarios trocam commentarios.

— Olha a cara d'elle.

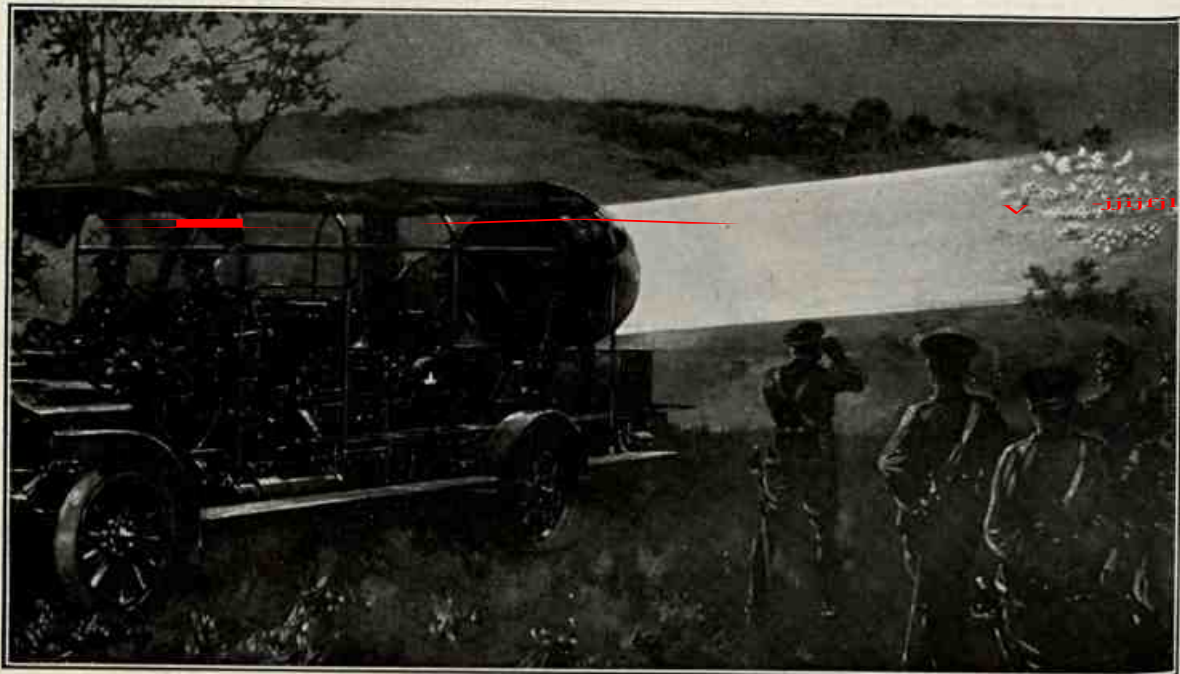
— Está triste.

— E' natural. Vae ficar sem emprego.

— Bem feito. Elle não descobrio nada util, gerindo a pasta da Agricultura, neste paiz essencialmente agricola.

Edwiges, que ouvira essa accusação, contestou :

— Está enganado. Descobri uma tinta vegetal para pintar os bigodes.

A GUERRA DE NOITE

Um poderoso reflector inglez illuminando o campo em que opera uma força allemã

BRUXELLAS

Estatua da cidade de Liege, ostentando a gran-cruz da Legião de Honra

O MINISTRO DA VIAÇÃO

Salão Assyrio.

Duas senhoras elegantes, no fim de uma festa de arte dansante, tomando chá, discutem politica.

Sobre todos os casos que caracterisaram o hermismo, as duas damas trocam opiniões, sempre encantadoras, e emittem conceitos, sempre felizes.

Discorreram elevadamente sobre os assumptos attinentes a cada um dos ministerios, criticando actos de cada um dos ministros.

Disse então, uma das damas :

— A maior maravilha feita pelo Hermes é ter sido o Presidente que teve maior numero de ministros e que chega ao fim do periodo presidencial com uma pasta sem ministro.

— Estás enganada.

— Não, não estou enganada. Quem é o ministro da Viação ?

— O ministro da Viação? É... Assim de prompto, não me lembro... Mas deve haver.

— Não, essa pasta não tem ministro.

— Tem, sim. Lembro-me, agora. E' o Dr. Frontin.

A outra contestou, logo :

— O Dr. Fontin não acceitou o lugar.

— Mas qual é o posto que elle occupa?

— O de Director da Central do Brasil.

— E' exacto.

As duas senhoras meditaram um largo tempo, procurando nos escaninhos da memoria o nome do ministro da Viação.

— Não, começou uma dellas, não é possivel. Hei-de saber quem é esse ministro. Já se vio ? Um ministro que não se sabe quem é !

Chamou o *garçon* e perguntou :

— Não sabe dizer-me quem é o ministro da Viação ?

O *garçon* pensou um momento e respondeu :

— Foi o Dr. Seabra.

—Pergunto, insistio a dama, quem é, e não quem foi.

O *garçon*, humilde mas convicto, declarou :

— Hoje, não tem.

A linda dama não se convenceu. Ha de haver um ministro da Viação.

Chamando um jornalista amigo do governo, interrogou :

— Quem é o ministro da Viação ?

O jornalista informou :

— Foi o Seabra e depois, interinamente, o Toledo.

A dama teimou :

— O Toledo está em Roma. Peço-lhe que me diga quem é o actual ministro da Viação.

O amigo do governo, reflectio um instante e assegurou :

— Não ha ninguem na pasta da Viação.

As senhoras, baseadas em informações que subiam de um *garçon* de restaurante a um jornalista amigo do governo, ficaram aptas a assegurar que o Dr. Barbosa Gonçalves não existio como Ministro.

UM TRAHIDOR

Prisão de um cabo francez que fornecera aos allemães informações relativas aos serviços de radiotelegraphia da Torre Eiffel

O ultimo desejo

— Eu hoje só desejo que a minha urucubaca não se volte contra mim.

UM CASAMENTEIRO

Eu tive um amigo cuja mania era fazer casamentos. Não era aliás privilegio d'elle essa mania. Ha muito quem a tenha. Outros fazem o mesmo, não por mania, mas por pirraça, por quererem vêr o proximo tambem nas embiras.

Esse meu amigo, comtudo, era bem intencionado. O seu lar era feliz, bastando, para proval-o, dizer que elle não brigava com a esposa mais de seis vezes por semana. Creio que o facto de não morar com a sogra em nada influia para isso, nem mesmo o facto de ter o casal apenas oito filhos.

Rodrigues (assim se chamava elle) tinha uma cunhada que havia mais de seis annos contava vinte e seis primaveras e não achava casamento.

Não era má rapariga e tinha algumas habilidades. Só lhe faltava que o frontespicio fosse um pouco mais agradavel, ou então que apparecesse alguem a quem agradasse assim mesmo. O genio era mais ou menos o da irmã, esposa do Rodrigues; de sorte que, si ella encontrasse um marido mais ou menos como o cunhado, é muito provavel que não fossem além de seis brigas semanaes. Podia ficar o domingo livre.

Muito incommodava o Rodrigues o celibato da cunhada, que, por affeição á irmã (só não lhe perdoava ter-se casado primeiro), lhe frequentava assiduamente a casa. Como não era ciumento, Rodrigues esquecia-se de certos inconvenientes que ha em se trazerem cavalheiros para o seio da familia e trazia-os, para vêr si arranjava um casorio para D. Lucilia (a cunhada).

Não surtiu effeito esse plano, como tambem o de leval-a ao theatro, a reuniões, a passeios. O palminho de cara fazia uma falta terrivel á moça.

Um dia occorreu ao Rodrigues uma idéa que lhe pareceu, e a qualquer pareceria, engenhosa. Estava ainda por baptisar-se o seu filho mais novo e ainda não estava assentada a escolha dos padrinhos.

— Optima idéa! pensou o Rodrigues. Convido para padrinhos a Lucilia e o Amadeu Costa. Com a approximação dos dous é bem possivel que as bichas peguem.

E' forçoso dizer quem era Amadeu Costa, por mais favoravel conceito que eu faça da argucia dos senhores. Era um homem de quarenta e tres annos bem contados. Quem o visse seria incapaz de suppôr que elle fosse poeta lyrico. Com effeito não era. A sua occupação era de socio de uma casa de oleos, lubrificantes e inflammaveis. Tinha já um solido peculio.

Póde haver quem não approve a escolha feita pelo Rodrigues; será, porém, por se collocar num ponto de vista differente do d'elle. Creio que D. Lucilia, si tivesse sido consultada, teria concordado, ao menos para evitar a massada de ficar toda a vida a fazer vinte e seis annos. Com o casamento poderia chegar, passados uns cinco annos, ao menos aos vinte e nove. Querer mais é tambem ser muito exigente.

Rodrigues communicou o plano á esposa, que o approvou. D. Lucilia foi convidada para madrinha e disseram-lhe quem ia ser convidado para padrinho do pimpolho, sem comtudo pôl-a ao corrente da conspiração.

Combinadas as cousas, Rodrigues convidou Amadeu uma tarde para jantar, tendo antes feito o mesmo á cunhada, a quem recommendou que procurasse apresentar-se catita, pois havia pessôa de cerimonia.

Não sei si Rodrigues procedeu protocollarmente, escolhendo o momento da sobremesa para fazer o convite ao amigo Costa. Penso que foi quasi obrigal-o a acceitar. A resposta, entretanto, foi tão sincera quanto prompta.

— Como não, meu caro! E' um prazer e uma honra para mim. Pois não havia eu de querer ser seu compadre?!

Houve brindes, enthusiasmo, e trouxeram, para o Costa vêr, o pequerrucho a berrar.

Houve depois uma pausa.

Recompostas as physionomias do jubilo experimentado por todos, Amadeu Costa, voltando-se para o Rodrigues, disse-lhe num tom grave, mas em que transparecia satisfação:

— Meu amigo, nenhuma occasião melhor do que esta, em que recebo tão grande honra, para lhe fazer uma participação...

(Expectativa anciosa).

Costa continuou:

— Ia fazel-a dentro de poucos dias, a todos os amigos; antecipo-me, porém, para com aquelles que me distinguiram de modo tão lisongeiro com a sua amizade.

(A anciedade cresce).

— Tenho, pois, o prazer de communicar-lhes que pedi hontem em casamento a filha mais velha do commendador Rufino.

Rodrigues ficou tão perturbado que entornou o café todo nos punhos.

A cunhada tinha urucubaca.

G.

FEUILLETS PRINTANIERS

De Paris, Octobre, 1914

Les heures, les jours, les semaines, les mois ont passé depuis le moment terrible où la mobilisation décrétée, les pères ont délaissé le logis, les fils leurs mères, les fiancés leurs promises.

Le déchirement est aussi sanglant qu'à la première minute, la tristesse aussi profonde, mais les nécessités de la vie matérielle, les mille soucis et les moindres détails du ménage, les difficultés économiques auxquelles elle se heurte ont obligé la femme, celle qui reste avec ses angoisses et ses souvenirs, à réagir, à lutter, à cacher sa douleur, à vivre, ne serait-ce que pour l'absent lui-même, ne serait-ce que pour renouveler sans cesse la source d'energie qui lui fait écrire les mensonges donnant espoir et courage au valeureux soldat, les mots où elle se ment à elle-même et qu'elle veut se persuader, les phrases naives et simples qui ne coutent aucun effort à les construire, les lignes où elle met tout son coeur tandis que ses yeux se mouillent en songeant à lêtre aimè gisant sur un lit d'hopital peut-être ; jalouse des mains étrangères qui vont le soigner, malgré tout combien préférable ces blessures à la mort, fin et anèantissement de tout ce que fait le bonheur sur la terre.

Et toutes ces pensèes voltigent dans sa tête lourde et méditative tandis que la lettre terminée, l'adresse mise, elle la cachète d'un baisser suave et ineffable...

La guerre ! Mot horrible ! fleau aveugle ! Comme ils doivent courber la tete, ceux qui ont voulu qu'elle éclatat !

Quoi de plus affreusement sinistre que ce spectre qui chaque nuit vient hanter nos insomnies et les peupler de fantastiques cauchemars !

Quelle honte pour l'humanité elle-même que d'avoir dans son sein des êtres capables de faire couler tant de sang et tant de larmes, capable de détruire cette belle fleur de jeunesse qui ne demandait qu'à éclore et à fleurir.

Combien de génies, combien d'intelligences, combien de cœurs vibrants, enflammés de courage, enfiévrés par les éclairs des fusils, aveuglés par la poudre des balles, ivres de gloire et de heroïsme dorment maintenant sur le champ de bataillé d'un si profond sommeil que la Victoire elle-même serait impuissante à les éveiller. Pour dèfendre le sol natal, pour conserver intacte la Patrie, pour libérér du joug ennemi le patrimoine des aïeux, de quoi n'est pas capable le soldat ?

Et dans cette lutte acharnée où sympathisent tous les amis de la justice et de l'honneur, où, côte à côte, combattent Belges et Français, Anglais et Russes, comment ne pas admirer cette maîtrise de soi-même, cette énergie sans défaillance, cette superbe et inalterable confiance qui arment le bras du soldat et qui donnent aux femmes et aux vieillards qui demeurent, aux enfants et aux infirmes, une sérenité absolue opposant aux ruses de l'ennemi, à sa férocité inconcevable cette sublime impassibilité, cette indifférence un peu narquoise qui est le plus beau dèfi que l'on puisse jeter à cet ennemi, si ce dernier est à même de le comprendre et capable de le relever.

Nous autres, femmes, chères lectrices, nous sommes ardentes patriotes et si la guerre et ses atrocités nous font frèmir d'horreur et d'indignation, savons, malgré tout, être dignés de nos dèfenseurs et si, la nuit, coulent nos larmes silencieuses, nous pouvons, le jour, faire naître, s'il le fau, un sourire sur nos lèvres pâlies.

LUCE HEULER

O outro

— Agora o marechal é o Wenceslão.

O almirante Alexandrino

O almirante Alexandrino de Alencar deixa hoje o cargo de ministro da Marinha, para nunca mais ser cousa nenhuma.

Encerra-se amargamente e sem brilho uma carreira que se esperava acabasse coberta de gloria.

O almirante foi ministro de trez presidentes, em dois periodos presidenciaes.

Como senador pelo Amazonas, o Sr. Alexandrino não se commoveu com a desgraça que ferio o almirante Julio de Noronha e fez no Senado e mandou o Sr. Souza e Silva fazer pela imprensa uma campanha contra aquelle administrador sem audacia, mas conhecedor das nossas reaes necessidades.

Essa campanha e os interesses politicos do general Pinheiro Machado metteram o almirante Alexandrino no ministerio do Sr. Affonso Penna. Condennou-se o programma do almirante Noronha. Appareceu a divisa *rumo ao mar*. Entrou-se numa epoca de megalomania naval. As revistas, illudidas; os jornaes, enganados; os cinematographos, pagos — fizeram com que o povo acreditasse que o novo ministro elevára a nossa patria á cathegoria das grandes potencias maritimas.

Com sua esperteza de patriota, quando morreu o Presidente, o Almirante conseguio ficar no governo Nilo Peçanha. As *fitas* navaes continuaram a ser desdobradas mas o povo começou a desconfiar da nossa grandeza.

O marechal Hermes, no inicio da sua administração, conheceu o valor da esquadra do Sr. Alexandrino e depois de tel-o humilhado, metteu-o no ministerio.

Como ministro do Marechal, o almirante ajudou a desfazer a propria obra. Da sua grande armada, restam os couraçados cujo estado ninguem sabe qual seja. Da nossa gloriosa marinha, restam os officiaes competentes, mas desgostosos.

Tapéra, 1914

DOMINGOS AYRES

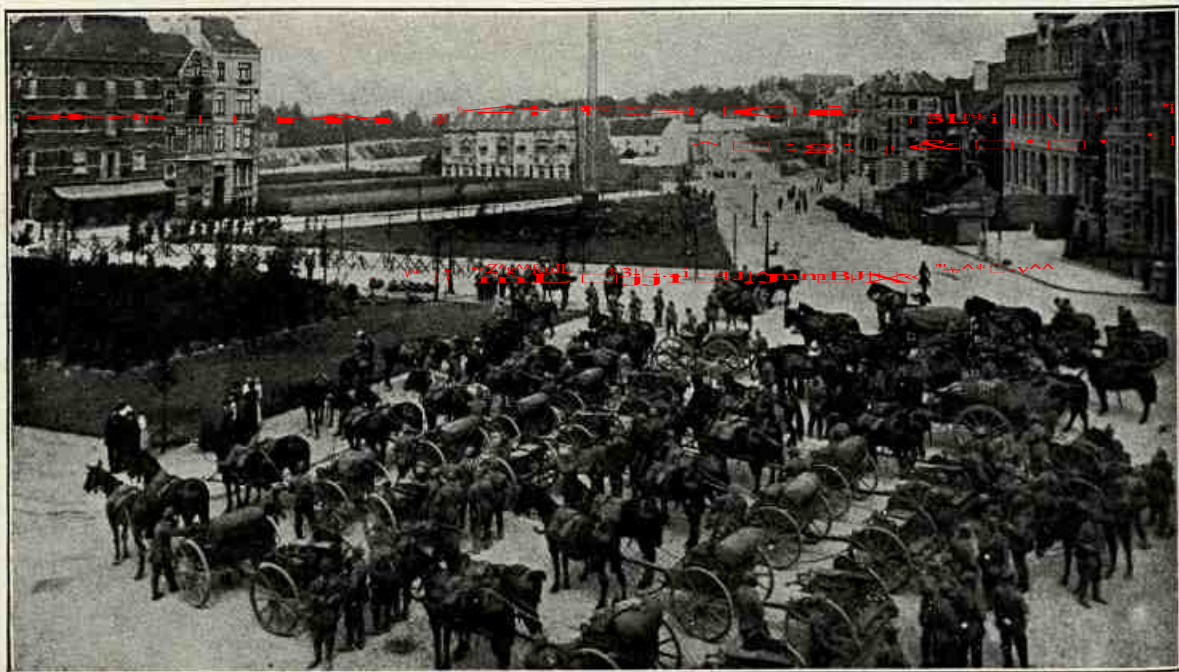
* * * A sorte inimiga não quiz que o Sr. Rivadavia da Cunha Correia fosse transferido para a pasta das finanças antes de haver, como ministro da Justiça, ligado o seu nome a alguns actos que não só annullavam sentenças do tribunal supremo do paiz, como contrariavam idéas do secretario do Interior. Não lhe sorrio o destino, durante a gestão financeira, e o illustre politico sul-rio-grandense teve a desventura de ser o primeiro ministro da fazenda que deixou de satisfazer os nossos compromissos externos. Alem dessa, leva o Sr. Rivadavia a amargura de haver assignado, contra o seu parecer, o decreto da emissão do papel moeda, e a tristeza de legar ao seu successor a segunda moratoria.

A BATALHA DO AISNE

Feridos francezes, na região de Reims

O MODELO

PINHEIRO — Wenceslau, imita-o, que elle, ao deixar o governo, sae cercado de forças.

BRUXELLAS

As metralhadoras allemães nos suburbios

Advogado de truz

Quando me formei em direito... sim, porque
Sou, como toda gente um bacharel formado. Quando me formei em direito, fui advogar em uma pequena cidade do interior, onde o movimento do foro era apenas imaginario. Se fosse alli cumprido o artigo do Codigo penal que pune a falta de occupação, os advogados do logar — eramos dois — se veriam em embaraços. Felizmente nos deixavam em paz.

Durante alguns mezes não appareceu no foro causa nenhuma, afinal succedeu um caso sensacional. Um fazendeiro teve com outro uma desavença, proveniente de uma questão de terras. A inimizade se azedou tanto que a questão se tornou para elles de vida e morte. Um dia um delles se armou da sua winchester de doze tiros e foi esperar o outro, occulto atráz de arvore. Quando o inimigo surgiu na curva da estrada, elle alveja-o e disparou a arma. A bala atravessou o craneo, e o pobre morreu sem saber de que.

Quando o facto se divulgou na cidade, a indignação foi geral. Nunca se vira no lugar crime tão barbaro, revestido de tantas circumstancias aggravantes. Eu mais que os outros me exaltei e cheguei a dizer na Pharmacia, em presença de muita gente, que o povo devia lynchar aquelle fascinora.

A' noite o criminoso procurou-me para tomar a sua defesa, tive occasião de verificar que elle não era tão malvado como eu suppunha. Em primeiro logar na questão das terras a razão estava toda (dizia elle) do seu lado. Demais elle não estivera tres dias atráz do toco, á espera da victima, como constou no primeiro momento; mas apenas dia e meio. Tambem não atirou por traz, como correra na cidade, mas de lado. Emfim o caso se passou de modo diverso do que circulara pela cidade, produzindo a indignação publica.

Contractei a defesa por dous contos de réis, e esperei o dia do Jury.

No dia do julgamento a sala do tribunal estava repleta de gente. Havia muito tempo que não comparecera á barra da Justiça um accusado daquella qualidade. Alem disso era a minha estréa, o que atrahia tambem a curiosidade.

Lido o processo, eu subi á tribuna, medi o auditorio com um olhar convencido, fixei os jurados e comecei:

— Excellentissimo senhor Juiz de direito, senhores jurados. (*Movimento de attenção*). Dou graças dos deuzes de me haverem deparado a occasião de estreiar na tribuna judiciaria defendendo um innocente. (Agitação no auditorio). Sim, senhores! um innocente. Dentro em pouco hei de proval-o á saciedade com o que consta dos autos e *aliunde*. Para proceder com methodo, dividirei o meu discurso em tres partes. (Attenção). Em primeiro logar provarei que o accusado não commetteu, nem podia commet-

ter o assassinato que lhe é imputado pela promotoria. Em segundo logar, e se esta prova não convencer os jurados, provarei que o accusado, quando commetteu o assassinato, se achava em estado de completa privação de sentidos e de intelligencia. (Movimento do auditorio). Terceiro: se essas duas defezas não forem julgadas convincentes, eu allegarei uns *alibi*, provando que o accusado, na hora em que era praticado o crime, se achava a dez leguas de distancia. (Sensação). Assim, senhores jurados, etc., etc.

Durante duas horas desenvolvi a tres defezas, cada uma das quaes bastava para pôr um accusado fóra da cadeia. Terminados os debates, o jury entrou para a sala secreta e em dez minutos respondeu aos quesitos. O meu constituinte foi condemnado a trinta annos de cadeia por não haver pena maior.

P

Um cadaver ranzinza ao passar pela Perfumaria do Paulino, esbarra com um devedor que sae, a sobraçar um grande embrulho.

— São perfumarias, hein ? diz com um risinho ironico...

— E' verdade... confirma o devedor.

— Pois olhe, eu não tenho dinheiro para perfumar-me...

— E' lamentavel ! Não ha nada peor que um cadaver que cheira mal...

LUA DE MEL

Cazadinhos de ha pouco : um mez, se tanto...
Do trabalho ao voltar, nota o marido
Que tem os olhos humidos de pranto
A doce esposa ; e indaga, enternecido :

— Que tens, amor ? teu ar causa-me espanto !
E ella, a sorrir : — nada de mais, querido !
Continúam molhados, entretanto,
Seus bellos olhos, ninhos de Cupido.

— Uma triste lembrança ? um beijo a cura...
E elle beija-lhe a bocca, a fronte, o mento,
Os olhos onde o pranto inda perdura.

Que tens ? confessa... — Um simples resfriamento
Diz ella, a rir, pedindo com ternura :
— Mas, meu bem, continúa o tratamento...

D. XIQUOTE

BELGICA

Os sobreviventes de Louvain, transformados em prisioneiros civis, entram em Bruxellas, sob a guarda de soldados allemães.

ELLE

Na hora de favorecer-nos
Com a ausencia, em que se encerra,
O mais civil dos governos
Quando desce... sóbe á Serra.

O lucro que ás vezes dá uma senhora, a casas de commercio

ESTA SCENA PASSOU-SE EM UM BANCO DA CAPITAL, E FOI-ME CONTADA PELO PROPRIO GENRO. TRATA-SE PORTANTO, MAIS UMA VEZ, DA «SOGRA»

Foi a Sra. F. ao Banco X, e perguntou :

Cavalheiro, diga-me por favor, poderei passar dinheiro para Londres ?

— Sim, minha senhora ! (*pegando no talão de notas*) para que Banco ?

O Banco tem filial em Londres ?

— Perfeitamente.

Porém não poderei passar para um Banco Francez, onde tenho negocios ?

— E'-nos indifferente, minha senhora, lh'a attenderemos com prazer.

Então, para qualquer Banco de Londres...

— Para qualquer Banco de Londres.

Mas, para casas de commercio será difficil ?

— Não, minha senhora, é facillimo, a mesma cousa...

Sim ?... gentes !... (*admirada*).

— Pois não, a mesma cousa'.. (*ri-se*).

Porem para particulares os senhores do Banco não fazem remessa ?

— Fazemos, minha senhora ! (*já impaciente*).

Diga-me uma cousa...

— A's suas ordens !

Os senhores me darão um cheque a vista..

— Sim, senhora ! que será pago ao portador ou a pessoa determinada.

E... este cheque remetterei pelo correio, em carta registrada, ou não ?

— Sendo ao portador, será melhor registrada, sendo porem nominal é indifferente.

Mas perdendo-se o *cheque* ?

— Lhe daremos uma duplicata...

Ah !... (*socegando-se*).

— Vamos fazer a remessa, minha senhora (*em espectativa de pôr o preto no branco*).

Mas quanto tenho de despeza a pagar — por cento ?

— Conforme a importancia... um e 1 quarto, 1 1/2 por cento, até menos !

Os senhores fazem o pagamento em ouro, ou em francos ?

— A sua vontade.

Poderei mandar por telegramma ?

— Pagando as despezas...

E em quanto importa um telegramma para Londres ?

— Dá-me licença, minha senhora, meu collega a attenderá...

Mas...

— Não posso mais, minha senhora... estou occupadissimo...

Tenha paciencia, uma pergunta mais.

— Minha senhora ! (*afflicto, apressadissimo*).

Poderemos fazer o negocio em qualquer dia, e hora ?

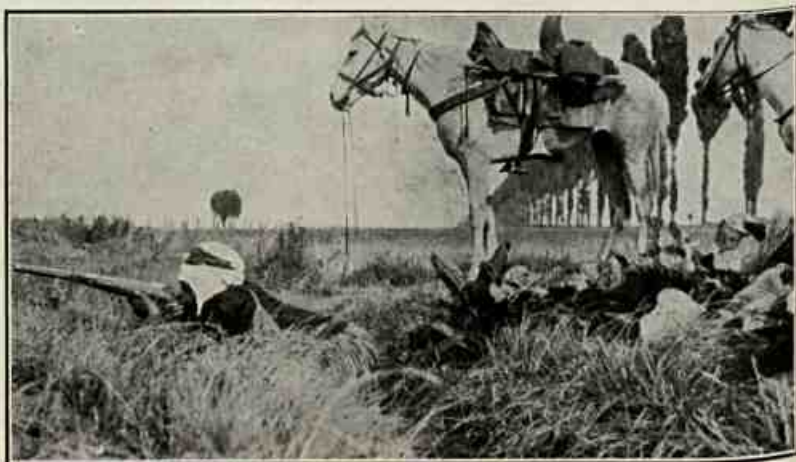
— Perfeitamente, das 10 ás 3, e aos sabbados...

Aos sabbados não ? ! (*assustada !*)

— Aos sabbados até 1 hora.

Então passe muito bem, vou fallar a meu marido, e voltarei depois, porque, como trata-se de 5 francos, e não sendo grande a importancia, talvez convenha mandar mesmo pelo correio, o senhor não concorda commigo ?

— Concordo, e mais um pouco com *corda* é que lhe punha d'aqui pr'a fóra ! Livra ! (*O empregado teve um mez de licença*).

A GUERRA EM FRANÇA

Um Spahi (cavallariano argelino) em acção na vanguarda

A GUERRA EM FRANÇA

Uma patrulha dos Sicks (infantaria indiana dos inglezes)

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DE «CARETA»)

PETROGRAD, 14 — As operações do exercito moscovita continúam com exito completo. Comtudo, tem-se extranhado que a divisão que opera na Prussia ainda não tenha entrado em Berlim.

BERLIM, 14 — São esperadas, a todo o momento, noticias officiaes que confirmem as noticias da capitulação de Londres, Paris e Petrograd.

BRUXELLAS, 14 — Partem hoje os esculptores incumbidos de estudar, em Reims, o local mais conveniente para a construcção do Templo da Paz.

LONDRES, 14 — Como não chegaram noticias de novas victorias dos alliados, os ministros resolveram fazer novos discursos levantando a desconfiada fibra do povo inglez.

PARIS, 14 — E' muito commentado o facto de não ter apparecido nenhum outro *Taube* voando sobre esta capital.

Morrer e viver

Ao receber noticia do fallecimento de um amigo que, dias antes estava forte e são, phylosophou um sceptico :

— E' isto ! neste mundo a gente não sabe se amanhã estará vivo ou morto !

— Isto diz você, commentou um amigo ; que dirão agora os soldados que estão na primeira fila da batalha do Aisne ?

Realisou-se na quinta-feira, no salão Asyrio do Theatro Municipal, um banquete offerecido por varios amigos ao Sr. Coronel Povôas Junior.

TELEGRAPHO SEM FIO

(Serviço de ultima hora)

E. H. C. e A. — Rio — Em vida.

Estava marcado para o dia 12 do corrente, devendo realisar-se no salão nobre do *Jornal do Commercio*, o desejado concerto da notavel pianista, nossa eminente compatriota, Antonietta Rudge Miller.

Verão ! Surgem, insupportaveis, os primeiros calores, e com elles apparecem, cantando na imaginação poderosa dos poetas, essas doiradas cigarras que esfusiavam á luz, sob o tranquillo céo da Hellade antiga, mas que ninguem vê na terra amavel da Guanabara. Vão partir, buscando o ar refrigerante das altas serras e as perfumadas brisas das poeticas cidades de aguas, as formosas senhoritas cariocas. Vae-se, com o verão, para voltar com o hinverno, o mais bello encanto do Rio.

Guerreiros e cantores

O Kaiser sempre fez questão que os seus soldados fossem, alem de fortes na arte da guerra, peritos na arte do canto.

Nas ultimas monobras, antes da actual conflagração, os generaes receberam ordem de fazer ensinar a cada soldado oito hymnos e canções patrioticas escolhidas por elle, Kaiser, e que lhes offerecesse sempre opportunidade de cantar, em côro.

As ordens foram naturalmente obedecidas e durante as manobras, todas as tardes, os corpos do exercito executavam o seu programma choral.

Infelizmente agora, com o barulho desharmonico da artilharia grossa não é possivel ouvir o disciplinado corpo de córos do exercito kaisereano.

FOLK-LORE

Muito valente ha que diga
Não ter medo de careta;
Pois ás vezes póde a troça
Muito mais que a baioneta.

JOTA

CAIXA 115

Mappin & Webb

Telep. 489 Norte

GRANDES FABRICANTES INGLEZES

Joalheria
Prataria
Cutilaria
Talheres

Porcelanas
Crystaes
e
Bronzes

Unicos fabricantes da afamada "Prata Princeza"

Estamos sempre recebendo novas mercadorias

100, RUA DO OUVIDOR, 100 — RIO DE JANEIRO

CURA ASSOMBROSA !!

COM O

ELIXIR DE NOGUEIRA

KISTO FIBROSO

Orcines Fernandes

Attesto que soffri por mais de seis mezes de um kisto fibroso no dedo da mão esquerda, o qual me ia crescendo progressivamente, receitei-me na Parahyba, fui aconselhado a fazer operação, não realizei a indicação; chegando ao Sapé comecei a usar o «ELIXIR DE NOGUEIRA», do pharmaceutico João da Silva Silveira; com 10 frascos apenas, consegui evitar a operação, achando-me completamente curado, pelo que agradeço aos senhores fabricantes de tão efficaz medicamento. Em prova de gratidão envio o meu retrato.

Sapé, 3 de Julho de 1913.

Orcines Fernandes

(Firma reconhecida).

CASA MATRIZ

Pelotas - RIO GRANDE DO SUL - Caixa N. 66

Casa Filial e Deposito Geral

RUA CONSELHEIRO SARAIVA Ns. 14 e 16

Caixa do Correio 148 — Rio de Janeiro

ABATIMENTO DE PREÇO

DA

Emulsão de Scott

A bem da humanidade soffredora, e procurando collocar nosso producto dentro do alcance das pessoas de todos os recursos, temos reduzido o preço por atacado, desde o dia 23 de Outubro, aos nossos freguezes, com o fim de estabelecer e garantir o preço fixo a varejo de Rs. 2$500 o vidro, na Capital Federal e nas demais cidades do Paiz.

SCOTT & BOWNE

Nova York e São Paulo

TELEGRAPHO SEM FIO

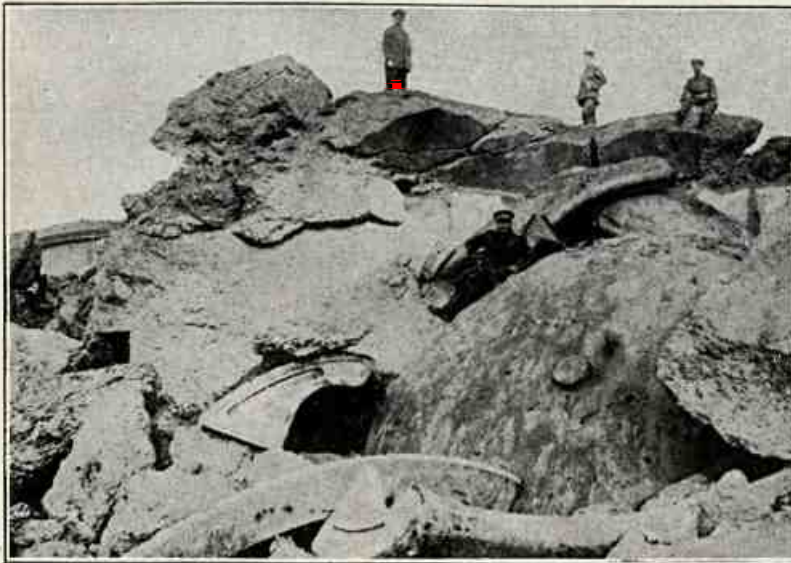
Margarida T. M. — Rio — A primeira carta que recebemos traz a data de 28 de Outubro.

Campos Abreu — S. Paulo — A parodia é bem feita, mas não deixa de ser irreverente, pois o soneto que lhe serve de modelo, sobre ser um dos mais bellos de nossa lingua, é de um grande poeta morto. Desculpe-nos.

Luiz Napoleão Lopes — Rio de Janeiro — Nesta redacção ha uma carta para V. Exa.

Em todos os estados — Em todo o interior

RUA SETE DE SETEMBRO, 79 — RIO DE JANEIRO

A ARTILHARIA ALLEMÃ

Effeitos da grossa artilharia allemã sobre os fortes de Namur

CARTOMANCIA

Decididamente, estamos atravessando o periodo aureo da cartomancia brazileira, ou, em outras palavras, o periodo epidemico da mesma.

Pullulam, por toda a parte, cartomantes *verdadeiras*, cartomantes *sérias* e *discretas*, e, mesmo cartomantes scientificas.

Advinham o passado, o presente e o futuro; garantem a cura das molestias incuraveis; destrinçam negocios por mais complicados que sejam; fazem unir os separados, e separar os unidos, e fazem tambem ganhar muito... a experiencia.

Uma vez, fui, por curiosidade, consultar uma cartomante.

Em lá chegando, encontrei numerosa clientela que esperava anciosamente.

Todos, não sei se por causa da impressão que lhes causavam as bruchas, bonecos pretos, caveiras, santos enforcados, etc, collocados aqui e ali, pela escuridão que dominava toda a sala, deixavam transparecer no rosto o respeito, o temor e a fé profunda nos segredos do occultismo.

Tomei lugar no meio delles. Abaixei a cabeça para identificar-me com o meio.

. . . .

Chega a minha vez.

Depois de preenchidas as formalidades do estylo, isto é, tomar pose, revestir-se de um ar mysterioso e espalhar umas cartas por sobre a mesa, a pythonisa com seus tregeitos oculares sentenciou: «o senhor já passou durante a sua vida por muitos dias tristes e outros alegres; quando creança, chorou muito. E' um rapaz bastante activo para não se deixar levar pelos maus conselheiros que vejo no seu caminho.

«Terá que passar pelas alternativas da alegria e da dôr, e finalmente, no fim da vida encontrará a morte.»

Terminada a minha consulta, despedi-me, cedendo lugar a uma solteirona que, pela familiaridade com que saudou Mme., parecia ser cliente antiga.

Sahi convencido de que a cartomancia presta humanitarios serviços.

Porque o povo brasileiro está soffrendo as consequencias do estado de sitio, moratoria, crise, etc?

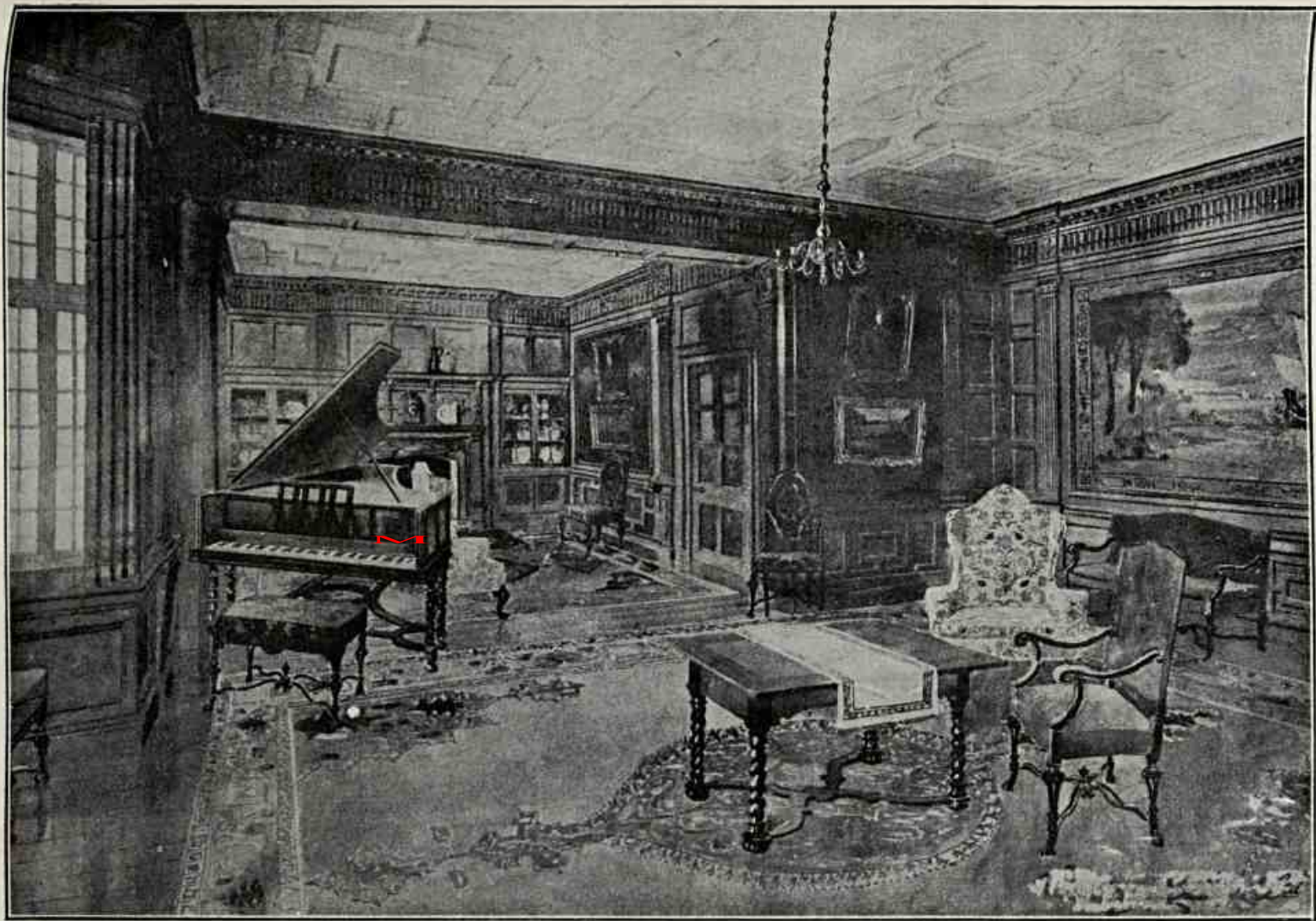
Apenas porque não liga ás predicções das cartomantes.

Quem consultar uma cartomante sahirá convencido de que, só tem negocio encrencado quem quer, só não acha casamento quem não quer; só é doente quem quer, etc.

Uma cousa, porém, constrangido, confesso: apezar deste dom sobrehumano das nossas cartomantes, estas, muitas vezes, se acham encrencadas em negocios; algumas não acham casamento e outras só sahem da crise, quando um bobo se lembra de consultal-as.

COLOMBO

A GRANDE CARNIFICINA

Trincheira que os allemães abandonaram, cheia de cadaveres, na linha Villers-Cottêrets

Os mais elegantes mobiliarios encontram-se em nossa casa por preços reduzidos

Leandro Martins & C. — **Ourives Ns. 39-41-43**

JUVENTUDE ALEXANDRE

Dá Vigor, Belleza e Rejuvenesce os Cabellos

A JUVENTUDE faz com que os cabellos brancos fiquem pretos, não queima, não mancha a pelle.

A JUVENTUDE desenvolve o crescimento do cabello tornando-o abundante e macio e extingue a caspa.

A JUVENTUDE é o melhor dos tonicos contra a calvicie. — Preço 3$000 rs. nas boas perfumarias, pharmacias e drogarias e

Em S. Paulo, BARUEL & C.

Peçam "JUVENTUDE ALEXANDRE" Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de 1908

Figuras e cousas de outras terras

O general von Kluck, segundo affirmam boatos telegraphicos, morreu num hospital de Namur, no momento em que era operado, por ter uma bala enterrada na cabeça. No commando da ala direita do exercito que invadio a França, *o general von Kluck*, revelando-se digno de atacar o adversario formidavel que o forçou a um continuo recúo, provou ser o maior dos generaes allemães contemporaneos. Si elle morreu, coitado. O marechal Hermes é mais feliz : nunca entrará em batalha, não tendo, por isso, probabilidade de receber uma bala na caixa em que os outros têm os miolos.

***

O grão-principe da Allemanha, no dizer de um individuo que se escafedeu da sua comitiva, está louco furioso e foi internado em Strasburgo. O grão-principe enlouqueceu, provavelmente, por que foi batido em Nancy e não poude chegar a Paris, do mesmo modo que o general Souza Aguiar (Geraldo) soffrerá um grande abalo mental se não fôr ministro da Guerra do Presidente Wenceslão.

O ROSTO MAIS BONITO

perde immediatamente seu encanto, si os dentes são feios ou mal tratados. Não ha nada com que se pode executar o tratamento dos dentes efficaz e agradavelmente de que o Odol. O Odol impede seguramente o desenvolvimento dos processos de putrefacção na bocca.

MOLESTIAS

DE

SENHORAS?

Esta preparação CURA radicalmente todas as molestias do UTERO como sejam HEMORRHAGIAS, FLORES BRANCAS, FLUXO CERVICAL e outras molestias congeneres, acalma as dôres e colicas da MATRIZ e regularisa a menstruação, seja ou não abundante o fluxo.

Pelas propriedades tonicas e fortificantes que possue convém a todas as senhoras que soffrem de ANEMIA e CHLOROSE.

APPROVADA PELA DIRECTORIA GERAL DA SAUDE PUBLICA DO BRAZIL

LABORATORIO DA SAUDE DA MULHER

DAUDT & LAGUNILLA

Rua do Riachuelo, n. 430, RIO DE JANEIRO

(Antiga casa DAUDT & FREITAS, de Porto Alegre)

Inventores dos preparados:

A SAUDE DA MULHER,
BROMIL, BORO-BORACICA E
DEPURATIVO LYRA

NÃO SE DESCUIDE DESSA TOSSE

Tome cuidado com as constipações. Por mais insignificantes que pareçam, são muitas vezes o prenuncio de males bem maiores. Uma influenza mal curada é muitas vezes

O CAMINHO DA TUBERCULOSE

A sua imprevidencia num caso desses não poderá ser desculpada, pois que está descoberto o especifico da grippe: o

que repentinamente faz desapparecer o estado febril, dores no corpo, enfraquecimento, defluxo, — todo o cortejo symptomatico da influenza.

Vende-se em todas as bôas casas de perfumarias

O PIANO AUTOMATICO "REX"

DA' A ILLUSÃO PERFEITA DA EXECUÇÃO
DO ARTISTA EXIMIO SEM ERRO POSSIVEL

A ULTIMA PALAVRA EM PIANO-PIANISTA

A PRESTAÇÕES DE 24$000 SEMANAES

CLUBS CASA STANDARD